



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA**

ANDREZZA AUGUSTA SILVA FEITOZA

**O PULSAR DA LITERATURA NEGRA FEMININA ERÓTICA NAS
OBRAS *PRETUMEL DE CHAMA E GOZO* E *ALÉM DOS QUARTOS:*
*COLETÂNEA ERÓTICA NEGRA LOUVA DEUSA***

Salvador
2021

ANDREZZA AUGUSTA SILVA FEITOZA

**O PULSAR DA LITERATURA NEGRA FEMININA ERÓTICA NAS
OBRAS *PRETUMEL DE CHAMA E GOZO E ALÉM DOS QUARTOS:*
*COLETÂNEA ERÓTICA NEGRA LOUVA DEUSA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia–UFBA como requisito parcial para obtenção do título de Mestra.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Florentina da Silva Souza

Salvador
2021

ANDREZZA AUGUSTA SILVA FEITOZA

**O PULSAR DA LITERATURA NEGRA FEMININA ERÓTICA NAS OBRAS
*PRETUMEL DE CHAMA E GOZO E ALÉM DOS QUARTOS: COLETÂNEA
ERÓTICA NEGRA LOUVA DEUSA***

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de mestre em Literatura e Cultura, Instituto de Letras, na Universidade Federal da Bahia.

Aprovado em 15 de abril de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra Florentina da Silva Souza - Orientadora
Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais
Universidade Federal da Bahia

Prof^a Dra Ana Lucia Silva Souza
Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Campinas
Universidade Federal da Bahia

Prof^a Dra Alvanita Almeida Santos
Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

SIBI/ UFBA/ Instituto de Letras – Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa

Feitoza, Andrezza Augusta Silva.

O pulsar da literatura negra feminina erótica nas obras Pretumel de chama e gozo e Além dos quartos: coletânea erótica negra Louva Deusa / Andrezza Augusta Silva Feitoza. - 2021.

76 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Florentina da Silva Souza.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2021.

1. Literatura brasileira - Escritoras negras - História e crítica. 2. Literatura erótica - História e crítica. 3. Mulheres e literatura. 4. Negras na literatura. 5. Análise do discurso literário. I. Souza, Florentina da Silva. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 809
CDU - 82.09

AGRADECIMENTOS

De uma coisa tenho certeza, sozinha não andei nessa caminhada e só te a agradecer.

A Deus e aos bons espíritos que me protegeram no caminho até aqui.

À minha mãe Antonieta, que sempre depositou fé nas minhas escolhas e nunca largou minha mão. Obrigada por seu porto seguro e inspiração para seguir na vida!

À minha esposa Moara, que comemorou minhas vitórias e me abraçou quando tudo doía. Obrigada por estar comigo do início ao fim e por me ajudar a seguir. E também a sua família que me recebeu como uma das suas.

À minha orientadora, Professora Dr^a Florentina Souza, grande inspiração e referência. Obrigada por ser uma orientadora que sempre esteve comigo e por ser essa amiga indispensável.

Ao grupo de pesquisa *EtniCidades* - UFBA, coordenado pela Professora Dr^a Florentina Souza, desde de 2012 caminhamos juntos, agradeço toda ajuda, ideia trocada e apoio recebido.

Às minhas amigas e amigos: vocês são a melhor rede de apoio que eu poderia ter, toda ajuda foi essencial e importante, toda minha gratidão e amor.

À querida Hildália Fernandes, que me indicou o segundo livro para construção dessa dissertação e mudou todo meu destino, obrigada pela atenção e cuidado trocado.

Inúmeras vezes pensei que não chegaria ao fim do mestrado, mas consegui e termino uma mulher melhor que aquela que escreveu a primeira linha deste trabalho. Obrigada!

“Então tá tudo dito e é tão bonito
E eu acredito num claro futuro
De música, ternura e aventura
Pro equilibrista em cima do muro¹”

¹ Música popular brasileira, composta por Caetano Veloso, intitulada como *Tá combinado*.

ENTRE!
minhas pernas
não há vão
É tudo apertado,
cheio,
vasto,
úmido
escorregadio...
Se tiver coragem,
Entre.
Eu deixo
E gozo²

² Poema de Urânia Munzanzu, publicado na página do facebook Ogum's Toque.

RESUMO

A dissertação “O Pulsar da Literatura Negra Feminina Erótica escritas nas obras *Pretumel de Chama e Gozo* e *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*” visa analisar os poemas e textos Eróticos apresentados nas obras escolhidas e construir uma reflexão acerca da Literatura Negra Feminina Erótica. A elaboração desta pesquisa priorizou uma fundamentação teórica majoritária de autoria feminina com estudos interseccionados das categorias de raça e gênero. Este trabalho foi inspirado e referenciado a partir dos textos de Audre Lorde (1984), Florentina Souza (2006), Gabriela Llanos (2011), Miriam Alves (2010) e entre outros, visando “feminilizar” as teorias que dos Erotismos. Após reflexões feitas a partir das análises dos textos literários percebe-se como as escritas das mulheres negras que falam sobre os Erotismos são ricas em histórias, recursos linguísticos, temas e grandes sujeitas poéticas. As perspectivas, visões das autoras, intelectuais e artistas são imprescindíveis para gerar uma reformulação política, histórica e social, promovendo uma sociedade no qual possam ser abrigadas todas as vivências Eróticas.

Palavras-chave: Literatura Erótica. Literatura Negra. Literatura Feminina.

ABSTRACT

The dissertation “The Pulsar of Black Female Erotic Literature written in the works Pretumel de Chama e Gozo and Beyond the Rooms: Black Erotic Collection Louva Deusa” aims to analyze the erotic poems and texts presented in the chosen works and to build a reflection about the Black Female Erotic Literature . The elaboration of this research prioritized a majority theoretical foundation of female authorship with intersected studies of the categories of race and gender. This work was inspired and referenced from the texts of Audre Lorde (1984), Florentina Souza (2006), Gabriela Llanos (2011), Miriam Alves (2010) and among others, aiming to “feminize” the theories that of Eroticism. After reflections made from the analysis of literary texts, it is clear how the writings of black women who talk about Eroticism are rich in stories, linguistic resources, themes and great poetic subjects. The perspectives, views of the authors, intellectuals and artists are essential to generate a political, historical and social reformulation, promoting a society in which all erotic experiences can be sheltered.

Keywords: Erotic Literature. Black Literature. Female Literature.

SUMÁRIO

1. <i>QUE BLOCO É ESSE? EU QUERO SABER!</i>.....	8
2. <i>OS QUARTOS DOS DESEJOS: CONSTRUINDO A(S) LITERATURA(S) NEGRA(S) FEMININA(S) ERÓTICA(S)!</i>.....	12
2.1 QUESTIONANDO OS EROTISMOS E EROTISMOS: <i>VAMOS JUNTAS FEMINILIZAR AS TEORIAS!</i>	18
3. <i>VIVENDO DE AMOR E PRAZER: A(S) LITERATURA(S) NEGRA(S) FEMININA(S) ERÓTICA(S)</i>.....	30
3.1 “NÃO MEXE COMIGO QUE EU NÃO ANDO SÓ”: DIALOGANDO LITERATURA NEGRA FEMININA ERÓTICA COMAS ILUSTRAÇÕES DE APOLLONIA SAINTCLAIR.....	40
4. <i>PARA TE ENCONTRAR, EU DOU A VOLTA NO SEU MUNDO: ANÁLISE DAS OBRAS PRETUMEL DE CHAMA E GOZO E ALÉM DOS QUARTOS: COLETÂNEA ERÓTICA NEGRA LOUVA DEUSA</i>.....	52
5. <i>(IN)CONCLUSÃO: SEJAMOS TODAS ERÓTICAS!</i>.....	69
6. REFERÊNCIAS.....	73

1. “QUE BLOCO É ESSE? EU QUERO SABER”!³



Se eu tocar no seu radinho
 Vai ser tão bom confia em mim
 Posso preencher todo o espaço
 O calor do meu abraço te deixa feliz
 Aperta o play e me diz você⁵

Em primeiro lugar: *É preciso estar atento e forte!* É preciso caminharmos juntas cada vez mais, é necessário ser resistência nos tempos nos quais cada vez mais afloram o medo e violência.

Apresento minha dissertação: O Pulsar da Literatura Negra Feminina Erótica escritas nas obras *Pretumel de Chama e Gozo* e *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*, que visa analisar exemplares da produção da Literatura Erótica escrita por mulheres negras.

O desejo de realizar este trabalho vem comigo desde a graduação, desde o momento em que tomei o caminho para ser a mulher que sou hoje e que ainda estou me tornando. Foi então que comecei a me debruçar sobre a Escrita Negra Feminina Erótica, na qual vi mulheres que denunciavam uma sociedade patriarcal, sexista e racista, e também falavam de amores profundos, prazer e exaltação do mundo feminino.

³ Música popular brasileira, cantada pelo Ilê Aiyê “Que bloco é esse”, composto por Paulinho Camafeu.

⁴ Ilustração de Olyvia Bynum para o livro *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*, 2015.

⁵ Música de Tássia Reis *No seu radinho*.

Essas escritoras negras mostram outro lado da história, sob a regência de outro olhar, a mulher negra torna-se senhora do próprio corpo e desejos, desenvolvendo e expondo a consciência de sua liberdade de expressão à procura de uma sociedade que abrigue todas essas diásporas.

As escritas negras femininas Eróticas vêm confrontar uma sociedade na qual existe a omissão de narrativas não hegemônicas, as autoras e intelectuais estão a todo tempo na luta para combater o racismo, machismo e tantos outros preconceitos.

Esta dissertação foi construída a partir de uma escrita que procura aproximar as/os diversas/os leitoras/res do mundo acadêmico, literário, teórico do contexto Negro Feminino Erótico, dialogo com os conhecimentos intelectuais que estão fora e dentro mundo acadêmico. Além disso, a literatura me atravessa no fazer intelectual e por isso utilizo de recursos literários como repetição, música e outras artes, algumas vezes trago uma linguagem às vezes não convencional para uma dissertação para que a leitura e escrita seja pensada de outra forma.

Ainda nesse trabalho, apresento os termos “lubricidade” e “umidade” para substituir palavras como “potência” e “potente”, como estou falando de mulheres e é importante feminilizar os termos. “Lubricidade” e “umidade” e seus sinônimos é a toda a capacidade da mulher de Erotizar, de criação, liderança e intelectualidade, logo vamos feminilizar expressões recorrentes que aparecem em trabalhos acadêmicos e referenciar as possibilidades das vivências femininas que dialogam com a realidade de tantas maneiras.

“O Pulsar da Literatura Negra Feminina Erótica escritas nas obras *Pretumel de Chama e Gozo* e *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*” é um trabalho que vem dialogar com as escritoras negras que falam e constroem um arcabouço teórico e uma prática do Literário Negro Feminino Erótico e está atravessada a todo o momento por análises de poemas e ilustrações e também reproduções das mesmas nas seções.

As obras escolhidas para a pesquisa, *Pretumel de Chama e Gozo* e *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*, ambas publicadas no de 2015, trazem

escritoras/es negras/os falando, em linguagem poética, sobre os diversos Erotismos que permeiam as histórias das mulheres negras.

A obra *Pretumel de Chama e Gozo e Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa* foi organizada por Cuti e Akins Kintê e foi lançada pela editora *Ciclo Contínuo*. Já a antologia *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa* foi organizada por um coletivo e conta com a edição de Priscila Romio e com ilustração de várias artistas.

O objetivo é estudar e analisar textos literários que representam as diversidades das percepções acerca da sexualidade, do prazer sexual de cada corpo e como são vividos esses momentos inerentes às vivências femininas negras e a partir deles, em diálogo com as proposições teóricas sobre o tema. E também contribuir para trazer outras perspectivas sobre as sensações e emoções Eróticas, fui atrás de intelectuais que se aproximam do que acredito ser Erótico livre e possível para todas/os.

Com isso, na primeira temos a seção “Os Quartos Dos Desejos: Construindo A(S) Literatura(S) Negra(S) Feminina(S) Erótica(S)!” com a subseção “Questionando Os Erotismos E Erotismos: “Vamos Juntas” Feminilizar As Teorias!”

Nesta seção discorro sobre Literatura Negra Feminina Erótica, a partir do texto de Audre Lorde *Uso do erótico: o erótico como poder*, uma das grandes inspirações de escrita e intelectualidade para o nascimento dessa dissertação. No primeiro momento, construo uma reflexão, caracterização sobre a Literatura Negra Feminina Erótica, que vem ser um guia para a análise dos poemas e ilustrações, e o processo de elaboração dessa pesquisa.

Ainda nesta mesma seção discuto como o racismo e misoginia exerceram um poder cruel na vida das mulheres negras e como isso resultou em marginalização de escritas que mostram outras perspectivas sobre tantos assuntos e história. Sigo questionando alguns pensamentos teóricos que são postos como “clássicos”, mas que carregam em si os valores excludentes e preocupantes. A partir de algumas autoras como Souza (2006), Lorde (1984), Davis (2017) e também Maingueneau (2010), Bataille (2017), Llanos (2011) construo uma base para o desenvolvimento desta seção.

Na segunda seção, com o título “Vivendo De Amor” E Prazer: A(S) Literatura(S) Negra(S) Feminina(S) Erótica(S) e sua importância” e subtítulo “Não mexe comigo que eu não ando só”: Dialogando Literatura Negra Erótica Feminina com as ilustrações De Apollonia Saintclair” discuto como a representatividade positiva é importante, não só para elevar autoestima, reconhecer as diversas formas de intelectualidade, e como é preciso repensar os estereótipos racistas e sexistas. Além disso, detenho-me nas ilustrações de Apollonia SaintClair analisando seus traços, sentidos, dialogando com poemas da Literatura Negra Feminina Erótica. Utilizo como referência Evaristo (2005), Kilomba (2017), Zucchi (2014), Soares (2000), Butler (2000).

Na terceira e última seção, “Para te encontrar, eu dou a volta no seu mundo”: Análise Das Obras *Pretumel De Chama e Gozo E Além Dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*, faço a leitura comparada das obras *Pretumel de Chama e Gozo* e *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*, mostrando todos os detalhes e nuances que os compõem, usando referencial teórico Palmeira (2009), Carneiro (2003) Alves (2010), Santos e Botelho (2013).

Durantes os dois anos que estive dedicada a esta pesquisa vivenciei uma montanha russa, com momentos incríveis e também tão difíceis. Por fim, é uma grande realização falar sobre tantas escritoras e intelectuais que descrevem o mundo de uma forma revolucionária.

2. OS QUARTOS DOS DESEJOS: CONSTRUINDO A(S) LITERATURA(S) NEGRA(S) FEMININA(S) ERÓTICA(S)!



É um fato histórico, acadêmico, social, cultural, o apagamento e silenciamento das mulheres negras que vivem sob um paradigma sexista, racista e tantos outros marcadores excludentes. Para nós mulheres sempre foram negados os direitos sobre nossos corpos, prazeres, experiências; nos educam para seguir por um caminho pré-formatado com a intenção de limitar nossos voos pelo mundo.

Parte fundamental desta dissertação, e também desta seção, é propor uma reflexão e caracterização de Erotismo, pensando no recorte da Literatura Negra Feminina, que além falar de sexualidades tão diversas e ricas, também denuncia o racismo, sexismo e misoginia.

A(s) Literatura(s) Negra(s) Feminina(s) Erótica(s) trazem para cena discursos que mostram outras perspectivas sobre as marcas históricas das mulheres, que a todo instante estão em uma luta ferrenha contra um sistema preconceituoso de representação perpetrado sobre os seus corpos, escritas e suas culturas.

⁶ Ilustração de Isadora Simões para o livro *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*, 2015.

Seus textos tecem uma grande umidade⁷ quando vêm recriar outro olhar sobre uma história estereotipada devido à exclusão perpetrada por um sistema preconceituoso e discriminatório instaurado na sociedade brasileira. O círculo hermenêutico que envolve o grupo canônico branco literário limita a entrada de novas escritoras e, por fim, separa uma dita “elite” que circula em meios acadêmicos e escolares, definindo o que é “bom” ou “ruim” para ler. Com isso, ocorre que as:

[...] produções da margem e da diferença, os textos literários em apreço tendem a ser desvalorizados pelas leituras empreendidas, a partir de uma tradição estética e erudita ocidental, por aqueles olhos e instrumentos de análise forjados no contexto político, estético e cultural da alta modernidade, que selecionou as formas e temas do “bom gosto” e do “bom tom”. (SOUZA, 2006, p. 14)

E sabe o que não é de “bom gosto” ou “bom tom”⁸?

São as mulheres negras que escrevem sobre suas sexualidades, suas vivências e desejos que ardem além da pele. A Literatura Erótica sempre foi associada à mulher de uma forma desdenhosa nunca dando voz aos seus desejos e anseios, quando elas ousaram falar de seus desejos foram seriamente criticadas. O sistema sexista e patriarcal reduz essa escrita feminina a uma “caricatura de necessidades, um dever pelo qual ganhamos pão ou esquecimento de nós mesmas e de quem amamos” (LORDE, 1984, p. 2)

As mulheres negras, sendo sujeitas altivas e ativas, senhoras do próprio corpo e caminho, rasurando e ocupando espaços que as marginalizaram, tornam-se revolucionárias. É fundamental o reconhecimento dessas obras e escritoras, trazendo uma representação positivada, permitindo um crescimento de autoestima, aprimoramento cultural e também uma ampla circulação dessas escritas que trazem marcas altivas de negritude para a literatura brasileira.

Fazendo uma viagem no tempo, é ato histórico que, devido ao processo de escravização, os corpos negros femininos foram marcados pela forçada subalternização, violência física, sexual, psicológica e vistos apenas como corpos-objetos. E mesmo nos

⁷ Nesta dissertação uso o termo “umidade” e “lubricidade” no sentido de feminilizar expressões recorrentes que aparecem em trabalhos acadêmicos e referenciar as possibilidades das vivências dos corpos femininos.

⁸ Referência do texto da Prf^a Dr^a Florentina Souza, in: *Afro-descendência Em Cadernos Negros e Jornal do Mnu* 2006.

tempos atuais, percebemos reproduções de sinhás, casas grandes e feitores em formatos da escravização contemporânea.

Social e historicamente a inscrição da mulher negra nessa jornada é árdua, ela luta para quebrar rótulos preconceituosos sobre seu corpo. Ao escrever e abordar seus desejos e pulsões ela rasura o lugar da *mulata*, da *empregada doméstica* e da *mãe-preta*⁹. E, além disso:

Diante de uma conjuntura histórica construída tradicionalmente pelo viés masculino e hegemônico, por vezes a mulher ainda não tem sua voz reconhecida e visibilizada, sendo esta, na maioria das vezes, abafada por outros discursos pautados e normatizados sob a ótica patriarcal. Nesse contexto de opressão, a escrita das mulheres, foi por muito tempo ignorada e socialmente não aceita, sendo ainda, as mulheres negras e suas escritas marcadas pelo preconceito em duas instâncias: a de gênero e a de raça. (SOUZA, 2013, p. 2.)

O processo da subalternização foi e é cruel, já foi e ainda é um movimento que acaba com qualquer subjetividade, e foi e ainda é utilizado de uma forma perversa para limitar a vivência dos corpos negros femininos. A subalternização tirar a humanidade das mulheres e homens negras/os, objetificando seus corpos, suas vidas e histórias e sabemos que:

São suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular.

Sabemos, também, que em todo esse contexto de conquista e dominação, a apropriação social das mulheres do grupo derrotado é um dos momentos emblemáticos de afirmação de superioridade do vencedor. (CARNEIRO, 2003, p 1.)

Não cabe continuar perpetuando e divulgando a hipersexualização que foi feita com os corpos das mulheres negras e fazer uso de conceitos que nos invisibilizam ou depreciam. A Literatura Negra Feminina Erótica tem a intenção de contemplar parte das vozes que ecoam e ressoam resistência, empoderamento, tesão e poesia e que estão atreladas diretamente ao mundo literário.

O mundo Literário Negro Feminino Erótico possibilita diversas representatividades dos desejos das mulheres negras, das escritas, suas histórias, e por

⁹ Referência tirada do texto de Lélia Gonzales, in: *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, 1984.

isso há uma urgência na construção de uma reflexão que possa abarcar tantas vozes e vivências sobre o corpo, desejo e sexualidade. A poetisa Elenice Andrade nos mostra uma dessas perspectivas no seu poema “O homem e a bela da tarde”:

Esse homem, na verdade é um homem sem pressa, que me leva pra sua casa a tarde e me ama.
 Esse homem na cama se revela o que toda mulher quer
 o que toda mulher espera: Safado, faminto e sem pressa.
 Na lombra do baseado, com gosto de suco de fruta me desfruta, me come me degusta.
 (ANDRADE, 2015)

A sujeita poética nos permite conhecer uma parte do seu mundo, um dos seus momentos de prazer. O homem que ela nos apresenta é íntegro, justo, leal a sua amante, companheiro, que se dedica a dar prazer para sua parceira e a ama intensamente. Ressalto aqui a importância de falar da relação afetiva entre pessoas negras, que são representados como iguais no plano da sexualidade, pensando em uma sociedade racista em que as mulheres negras sofrem de uma solidão afetiva.

Ela continua:

Eu sou presa
 presa por suas pernas
 Na sua boca meus seios são uma delícia
 Sem pressa suas mãos me abrem as coxas e me massageia com gel,
 morango e mel
 me saboreia, me chupa ...que língua certa!
 Eu tremo, eu gemo, eu sou dele, sou inteira.
 Sem pressa ele se demora a olhar minha face de gozo, de choro, e
 fala com voz rouca:
: Linda, linda, linda...
 (ANDRADE, 2015)

O poema descreve uma tarde extremamente prazerosa, com um jogo de sedução, entre sujeitos poéticos que se desejam, sentimos a sensação de roupas sendo tiradas, dos corpos sendo tocados, de desejos aflorados e pontos *gs* explorados. Vemos o corpo de uma mulher negra sendo adorado com todas as suas curvas e nuances, sendo saciado nos seus mais íntimos desejos sem medo, moral ou pudor e que também é agente do seu prazer.

Adentrando mais um pouco na tarde encontramos:

Esse homem tem o corpo feito pra nadar e tem o pinto mais lindo do mundo com sabor de ambrosia. Lambê-lo e chupá-lo me delicia.

Esse homem quando sem pressa me invade com sua pica penetra minha alma. No meio do coito me pede: _”Me beija” – e eu me surpreendo novamente

Lembrando que além de todas as coisas lindas ainda vem o beijo. Me derreto na sua boca, na sua língua. Tão deliciosa quanto a sua língua somente a sua pica.

Me abraça, me vira na cama, me põe de quatro, puxa as minhas ancas e me invade com o pau tão duro tão grande que o sinto invadir o colo do meu útero.

Me fode, me fode e acaricia o meu ventre que já não é tão bonito, mas é meu, faz parte de mim e me completa. Me levanta a bunda, me arrebenta com o seu caralho tão lindo, tão duro, entrando e entrando. Ouço seu gemido, ouço seu urro. Uiva longamente o meu nome e goza forte pra minha felicidade.

E a paz se faz nessa tarde.

Não há nada no mundo que seja mais importante que essa tarde.

A tarde é bela, não há pressa. Eu sou linda, sou a bela da tarde.

(ANDRADE, 2015)

Sem moralismo, sem amarras, sem pudor, um casal se amando, se complementando. É admiradora, transgressora a voz poética de uma mulher negra falando do seu corpo, do seu prazer na cama, com seu parceiro. A poetisa nos traz uma mulher que reconhece seu corpo e as marcas que a vida deixou, trazendo para reflexão que é necessário conhecer e ver nossa história e vivência será contada por cada impressão que carregamos em nossos membros.

Outro ponto importante para comentar é referência que pode ser estabelecida com o filme francês “A Bela da Tarde”, do ano de 1967, com direção Luis Buñel. Nesta obra cinematográfica conhecemos a história de uma mulher, rica, casada, essa personagem tem uma vida tediosa, como um marido que mantém uma relação sexual não satisfatória, fora as atividades domésticas que não te interessam.

Essa personagem por fim começa a trabalhar em um bordel pelo turno da tarde, para satisfazer suas necessidades sexuais. O poema abre possibilidade para uma releitura entre as duas histórias, compreendendo a forma irônica que Elenice Duarte traça na insubordinação da sua sujeita que ela apresenta em seu texto literário.

Essa mulher do poema não se nega o direito do prazer, possui um parceiro sexual que a satisfaz plenamente e, além disso, a importância de conhecer seu próprio

corpo. Vemos uma literatura que narra uma relação heterossexual fora dos padrões machistas, que objetificam as mulheres e passam uma sensação plastificada, falsa. Conhecemos uma mulher e um homem que vivem a paixão, o tesão de forma libertadora, extremamente sensorial e cuidadosa um com o outro.

É a partir dessas reflexões que proponho pensar em uma caracterização, reflexão sobre a Literatura Negra Feminina Erótica. Com a intenção de abraçar e abarcar as multiplicidades de escritas, temas, recursos linguísticos e estilísticos que atravessam as narrativas e experiências expressas por tantas escritoras negras. Interessa-me de espalhar aos quatro ventos o empoderamento das escritoras negras que, com a Literatura Erótica, confrontam e questionam teorias que estão sempre reiterando o racismo, sexismo e misoginia.

2.1: QUESTIONANDO OS E(e)ROTISMOS: VAMOS JUNTAS FEMINILIZAR AS TEORIAS!

A Literatura Erótica é uma vertente em que a maioria dos conceitos e discussões estão atreladas aos intelectuais masculinos em grande predominância e seguindo ideais machistas, racistas, sexistas, heteronormativos.

Por vezes as pessoas acham que erotismo e pornografia são sinônimos. É preciso explicitar a diferença entre os dois termos; utilizo aqui a perspectiva de Dominique Maingueneau. Ele é um homem, branco, que nasceu na França, linguista e professor, autor do livro *O discurso pornográfico*, que vem com a intenção de mostrar uma perspectiva positiva da pornografia, sem levar em conta e denunciar as violências e abusos que pode existir por trás desse mundo.

Para Maingueneau somente a pornografia tem o poder de transformação, de libertação e sempre faz o exercício de colocar o Erotismo como algo inferior, algo que prende e passa apenas pelo superficial e o diferencia do pornográfico que “inclina-se aqui para a eficácia máxima: aceleração progressiva do ritmo, transparência da representação” (MAINGUENEAU, 2010, p. 36)

Para Dominique Maingueneau somente o pornográfico pode representar toda libertação sexual, mas o mesmo também associa esse movimento à característica animalésca e masculina. Ele ainda continua uma série de distinções que existe entre a pornografia e Erotismo:

A distinção entre pornografia e erotismo é atravessada por uma série de oposições, tanto nas afirmativas como espontâneas quanto nas argumentações elaboradas: direto vs. indireto, masculino vs. feminino, grosseiro vs. refinado, baixo vs. alto, prosaico vs. poético, quantidade vs. qualidade, chavão vs. criatividade, massa vs. elite, comercial vs. artístico, fácil vs. difícil, banal vs. original, unívoco vs. plurívoco, matéria vs. espírito etc. (MAINGUENEAU, 2010, p. 31, grifos meus)

É perceptível que essas diferenças são extremamente problemáticas, ele coloca o Erotismo como algo que é indireto, não diz nada explicitamente, não mostra para o que veio e o pior ainda é associado ao feminino como algo inferior, baixo.

Ao eleger a pornografia como a arte da libertação, ele coloca no pedestal um histórico de opressão, abuso, exploração do corpo feminino e uma plastificação dessa vivência, reiterando pontos fundamentais de um patriarcado e ao mesmo tempo incentivando a cultura do estupro.

O problema em si não é a pornografia, mas como isso afeta e violenta um grande número de mulheres envolvidas, nessa indústria montada para satisfazer o prazer masculino. Vemos a eleição de corpos padrões, sem pêlos, infantilizados, que estão apenas servindo para os homens criarem suas fantasias sexuais sobre essas imagens.

Uma grande maioria usa a pornografia sob signos violentos, que não permitem que os corpos dançam de forma livre e respeitosa, limitando apenas a um sexo que dá prazer unilateralmente. O autor utilizando do seu privilégio não deve ter visto problema em todo aparato social, cultural, psicológico que sustenta toda indústria pornográfica baseado em ideal machista, sexista, racista.

Navegando contra essa corrente, Gabriela Castellanos professora, feminista, mulher e latina, traz uma grande contribuição em seu ensaio *Erotismo, violencia y género: deseo femenino, femineidad y masculinidad en la pornografía*, produzido no ano 2011, um ano depois que o livro de Maingueneau e mostra uma visão mais humana, respeitosa, positiva, para com as mulheres.

Llanos já abre a primeira parte do seu texto afirmando que “la pornografía, en cambio, está a menudo ligada a la representación de la violencia” (LLANOS, 2011, p. 54), mostrando e criticando o que a pornografia traz de representação. Além disso, ela pontua:

Este movimiento cultural en muchos sentidos no resultó realmente liberador, en primer lugar porque trivializó y comercializó el placer sexual, convirtiendo el cuerpo femenino en un objeto de consumo visual para la venta de todo tipo de artículos, y en segundo lugar porque condujo a convertir un mundo donde el ejercicio de la sexualidad estaba prohibido para las mujeres, en un mundo donde se requiere y casi se obliga a muchas mujeres, sobre todo a las jóvenes, a participar en relaciones sexuales no deseadas so pena de ser consideradas reprimidas o mojigatas. (LLANOS, 2011, p. 58)

A partir do texto da autora entendemos que é preciso combater toda essa cultura que incentiva a agressão ao corpo feminino, e corrobora em educar os homens de modo a pensar que mulheres estão a todos os momentos disponíveis dentro de uma passividade cega e que estão sempre acessíveis para o ato sexual, que sempre irá atender o desejo do falo.

Enquanto Dominique Maingueneau fala explicitamente que a “pornografia,[...] não mascara suas tendências agressivas.” (MAINGUENEAU, 2010, p. 32.) e não tece nenhuma crítica acerca disso, Llanos nos faz pensar que:

Efectivamente, el cúmulo de investigaciones sobre los efectos nocivos de la pornografía al intensificar y propagar distintas formas de violencia contra las mujeres, tiende a validar la idea de que en muchos casos los textos, imágenes o filmes pornográficos tienden a devaluar a las mujeres. (LLANOS, 2011, p. 55)

Logo com isso, não há possibilidade de associar pornografia a Erotismo, porque:

Precisamente una de las diferencias entre pornografía y erotismo es la ausencia de coerción o de violencia en las representaciones eróticas. Es por esto que mientras la ley en nuestras sociedades burguesas modernas se ocupa de regular y prohibir la obscenidad, para algunas feministas lo que es problemático y nocivo no es lo obsceno, sino lo pornográfico, por ser siempre una negación de los derechos de las mujeres. (LLANOS, 2011, p. 54)

A pornografia e sua indústria constituem mais uma ferramenta para perpetuação de cultura do estupro, da objetificação da mulher e plastificação da sua sexualidade. Ele reitera bases misóginas, sexistas, excludentes que só servem para manter a estrutura e poder do patriarcado.

Da forma que ela foi criada e estabelecida não está equivalente ao que Erotismo é capaz de capturar, não há forma de comparar os dois, pois não existe possibilidade de colocar Erotismo como parte de uma indústria pornográfica que cria um imaginário de violência e opressão contra a mulher. Não que os teóricos que estudaram e criaram conceitos sobre Erotismo fujam à regra, veremos a seguir as reflexões acerca do que foi criado para explicar o que vem a ser o erótico.

Uma das referências mais utilizadas ao tratar de erotismo no universo intelectual é o livro produzido por Georges Bataille, nascido em Billom na França, branco,

católico; foi um escritor e intelectual que se debruçou principalmente sobre os conhecimentos filosóficos e também sobre o mundo literário.

Seu livro intitulado como *O Erotismo* é muito referenciado nas pesquisas acadêmicas que falam sobre questões acerca do corpo, do erótico, da sexualidade. Ele escreve a partir da perspectiva religiosa, filosófica, e evidentemente masculina.

Para Georges Bataille mover-se, envolver-se no grande sentimento do Erotismo significa a procura por quebrar barreiras do pecado, não como algo inerte que envolve toda construção psicológica, emocional, sensacional que está impregnada nas vivências, desejos e experiências humanas. E para mais, ele associa essa sensação ao animalesco, conectada com um movimento irracional, descontrolado e nada natural ao ser humano.

Em todo seu livro não é elaborada a crítica social que é necessária fazer em relação à permissão que é dada ao sexo masculino de gozar dos prazeres Eróticos, para eles é liberado, naturalizado esse desejo; já para as mulheres há uma barreira, uma limitação, sua movimentação deve ser regida por regras que reduzem que excluem as mulheres de viver o prazer sexual sem opressão. Sendo que:

A origem etimológica da palavra erotismo alude a Eros. Os dicionários contemporâneos atribuem diferentes manifestações a esse conceito, oscilando entre o amor romântico e os desejos carnis. Essa ambivalência denuncia o caráter instável e aberto do erotismo, evidenciando como o valor semântico do que é (ou não) erótico sofreu alterações ao longo da história. Nesse sentido, valer-se do conceito de erotismo significa não adotar um posicionamento estanque, mas considerá-lo como todas as manifestações do desejo sensual e amoroso, cujo imaginário evoca elementos simbólicos e subjetivos (ZUCCHI, 2014, p. 3 e 4)

De forma muito interessada o autor demonstra com seu texto que somente se vive de forma plena e livre o erotismo quando são perpetuadas dentro de uma cena estritamente masculina, regadas a grandes doses de testosterona.

No capítulo nomeado *A transgressão no casamento e na orgia* Bataille afirma que o erotismo dentro do casamento, só acontece dentro de moldura bem fechada e tradicional, e afirma que há uma “ausência de valor, no plano do prazer, comumente atribuída a [...] repetição”. (BATAILLE, 2017, p. 135)

É perceptível que para ele dentro de um relacionamento que é acordado entre os dois pares, não há um gozo de plenitude, que somente na animalidade, no descontrole que é vivido o almejado Erótico. Essa ideia indica que construir uma conexão intensa com outra pessoa não pode ser satisfatório.

Em outra parte da obra aqui comentada, intitulada *O objeto da prostituição*, encontramos observações mais coisas aterrorizantes para quem pensa o erótico fora da heteronormatividade. Embora esteja escrevendo a partir do século XX, muito das teorias dele continuam vigentes, em seu livro ele coloca um tópico neste capítulo que é nomeado como *As mulheres, objetos privilegiados do desejo*, (ainda estou procurando o sentido de privilégio em ser objeto que ele tenta mostrar), Bataille fala:

Em princípio, tanto um homem pode ser objeto do desejo de uma mulher, quanto uma mulher pode ser objeto do desejo de um homem. Entretanto, o procedimento inicial da vida sexual é o mais das vezes a procura de uma mulher por parte de um homem. Os homens tendo iniciativa, as mulheres têm o poder de provocar o desejo dos homens. [...] Mas, na sua atividade passiva, elas tentam obter, suscitando o desejo, a conjunção que homens chegam perseguindo-as. Elas não saís mais desejáveis, mas se propõem ao desejo. (BATAILLE, 2017, p. 154 e 155, grifos meus)

Analisando tal citação, Bataille inicia falando que a mulher e o homem, ambos podem ser “objeto” de desejo um do outro, mas geralmente é homem que tem iniciativa para começar a vida sexual. Isso ocorre porque uma das fundações da nossa sociedade é o machismo, que ensina aos nossos meninos que eles podem ser, fazer tudo o que querem, que sua masturbação, sua vida sexual – quase sempre precoce – é normal, e que *todas* as mulheres estão disponíveis e sempre.

E as meninas não podem conhecer seus corpos, que é importante guardar sua virgindade para o príncipe encantado, e precisa ser uma menina casta, comportada e do lar. Prosseguindo, o que Bataille diz é que a mulher tem o poder de seduzir os homens, que *todas* são héteros e existe uma necessidade de sedução constante, que os homens ficam tão descontrolados que as perseguem.

Essa compreensão fixa a mulher dentro de uma passividade natural e que ela também não teria desejos igualmente aos homens, e por fim, descreve e romantiza um homem assediador, abusivo.

Georges Bataille continua:

Não há em cada mulher uma prostituta em potencial, mas a prostituição é a consequência da atitude feminina. A menos que ela se furte inteiramente, por um *parti pris* de castidade, a questão é em princípio saber a que preço, em que condições, ela cederá. Mas sempre, uma vez que as condições preenchidas, ela se dá como um objeto. [...] Pelo cuidado que tem com seus adereços acentuam, uma mulher tem a si própria como um objeto que incessantemente propõe à atenção dos homens. (BATAILLE, 2017, p. 154 e 155, grifos meus)

O autor diz aqui, de forma machista, sexista, que existem duas perspectivas de mulheres, a primeira que ele nos apresenta como prostituta, mas podendo ser lida como a sujeita que exerce seu Erotismo, sua liberdade sexual; a outra corresponde a um estereótipo da mulher “de casa” que mesmo não vivendo intensamente o gozo sexual, no fundo deseja o falo e vai ceder de qualquer jeito.

Mais uma vez Georges Bataille contribui para a cultura machista e repete representações clássicas que estão limitadas ao seu pensamento falocêntrico, colocando nós, mulheres, dentro de um padrão que só faz castrar e limitar nossas experiências com o mundo, as/os outras/os e até nós mesmas.

Em qualquer contexto situacional, a mulher se torna objeto, bem valioso do homem e tudo que faz com seu corpo é para chegar no momento de culminação, agradar o digníssimo macho. A função da mulher é essa, estar a serviço do erotismo e vontade sexual do sexo masculino.

Em minha leitura, Georges Bataille sugere a existência de uma boneca de plástico/inflável, que está sempre a mão do macho, que tem uma libido descomunal, descontrolada e que precisa ser saciada a qualquer custo. Nós, mulheres, não somos dotadas de vontade sexual, de desejo, estamos sempre dispostas a agradar todos os falos que se nos apresentam.

Para o escritor, mulher que tem uma vida sexual ativa, que demonstra seus desejos sexuais, que consegue subverter as amarras do sistema patriarcal “se degrada à categoria dos animais: ela suscita em geral um nojo semelhante àquele que a maior parte das civilizações demonstra pelas porcas”. (BATAILLE, 2017, p. 159)

É perceptível que ele baseia seu conceito de erotismo dentro de uma visão extremamente moralista, religiosa, castradora e que só abre permissão para mundo masculino, subjugando as mulheres e objetificando-as.

Na mesma medida que encontramos tal concepção, também encontramos resistência, produções que combatem toda perpetuação de estereótipos e além disso, oferecem representação positiva, transgressora, que foram pensadas e construídas para criar liberdade.

No caminho também há flores e Audre Lorde, escrevendo em 1978 tem uma grande e importante contribuição para o vasto e grande significado do que é ser Erótico e as formas que podem ser vividas¹⁰ e “gozo, volúpia, pecado: a tessitura erótica está presente na cultura escrita desde a antiguidade, como forma de retratar ou prolongar o desejo e o prazer através da imaginação.” (ZUCCHI, 2014, p. 2)

Em seu texto *Usos do erótico: o erótico como poder*, Lorde nos mostra uma outra faceta do Erotismo que muda toda a cena patriarcal, excludente com relação a tantas trajetórias que existem ao nosso redor.

Para Audre Lorde Erotismo é “é um recurso dentro de cada uma de nós, que paira num plano profundamente feminino e espiritual, firmemente enraizado no poder de nossos sentimentos impronunciados ou não reconhecidos.” (LORDE, 1984, p. 1)

Como diz Nina Simone: *Liberdade é não ter medo!* e é isso que Audre Lorde fala, quando nos faz entender a lubricidade do Erotismo como uma fonte de poder inesgotável, forte, resistente que está alojada na força do feminino, que é um engrenagem que incendeia os peitos e alavanca as vidas para frente. Entender o Erotismo na perspectiva de Audre Lorde é abrir as portas para mundo e seguir de peito aberto.

Com uma escrita forte, poderosa, crítica, feminista, negra, ela rasura todo previsível padrão que estabeleceram para as mulheres, mostrando que:

¹⁰Intellectual, poeta, nascida em Nova York, negra, lésbica, mãe solo, que contribuiu para o feminismo negro americano e mundial. Escreveu textos como “Não há hierarquias de opressão”, “A transformação do silêncio em linguagem e ação”, “As ferramentas do mestre nunca vão dismantelar a casa-grande”, entre outros,

O erótico tem sido frequentemente difamado por homens e usado contra mulheres. Tem sido tornado na confusa, na trivial, na psicótica, na plastificada sensação. Por essa razão, temos frequentemente dado as costas à exploração e consideração do erótico como uma fonte de poder e informação, confundindo-o com seu oposto, o pornográfico. (LORDE, 1984, p. 1)

A intelectual denuncia os jogos excludentes que foram feitos para colocar a mulher num lugar subalternizado. Ao invés de plastificar sensações, colocar em uma caixa e fechar, ela mostra como o Erotismo transcende uma tensão sexual e como pode ser usado como alavanca para nos modificar e ajudar ao outro.

De forma plena, consistente e transformadora Audre Lorde nos explica o quão expansivo, profundo e feminino pode ser o Erotismo, “porque o erótico não é uma questão só do que nós fazemos; é uma questão quão penetrante e inteiramente nós podemos nos sentir no fazer.” (LORDE, 1984, p. 1)

Numa sociedade que tem como base o racismo, patriarcalismo, o sexismo, misoginia, uma perpetuação de cultura de estupro, violência de gênero, percebemos que há um esforço de manter as mulheres “numa posição distante/inferior para sempre psicologicamente ordenadas...” (LORDE, 1984, p. 1) e que “nunca é fácil demandar o máximo de nós mesmas, de nossas vidas, de nosso trabalho. Encorajar a excelência é ir além da mediocridade encorajada de nossa sociedade, é encorajar a excelência.” (LORDE, 1984, p. 1)

Sujeitas que rasuram esses padrões impostos, mostram o lado fêmeo, agente, ativo, plural que há entre as diversas mulheres que umidificam e lubrificam os diversos caminhos do que é ser mulher, feminina e erótica.

Aprender a arte do Erotismo com Lorde é entender como “o poder do erótico em nossas vidas pode nos dar a energia para alcançar mudança genuína dentro de nosso mundo, ao invés de meramente acomodação a uma mudança de personagens no mesmo teatro tedioso.” (LORDE, 1984, p. 4)

Quando me deparei com as produções de Audre, pensei o quanto tive sorte de ter uma intelectual, que abriu o meu caminho e tantos outros, para que eu pudesse me reconhecer no Erotismo e fosse a minha principal base para a dissertação e esperança de

estudar a Literatura Erótica Feminina Negra com uma caracterização que dá liberdade às multiplicidades dessas escritas.

Eu permiti e deixei:

Meu ser transborda
 Afinidades com meu corpo
 Com meu EU
 Necessidade de amar
 De sentir
 EU desejo!
 Desejo viver meus momentos
 In-ten-sa-men-te
 Eu mulher
 Me olho, me acaricio, me deu prazer
 E não me sinto só.
 (ALMEIDA, 2015)

Permitir-se transbordar e permitir os outros transbordares consiste em uma experiência excepcional, conhecer os próprios desejos eróticos é entrar em contato consigo mesma e as outras que nos habitam, as que nos visitam e que as passam ao lado.

As diversas mulheres que por muito se sentiram presas por não encontrar dentro do erotismo uma representação, uma fonte de identificação, existe sim a possibilidade de amar, de sentir profundamente os seus desejos e anseios por você, pelo mundo, pelo que faz e produz.

Acredito, com Lorde e como a poetisa Raquel Almeida que, “quando falo do erótico, então, falo dele como uma afirmação da força vital de mulheres; daquela criativa empoderada, cujo conhecimento e uso nós estamos agora retomando em nossa linguagem, nossa história, nosso dançar, nosso amar, nosso trabalho, nossas vidas.” (LORDE, 1984, p. 2)

Outra referência e inspiração muito importante para esta dissertação foi Tatiana Nascimento, que traz marcas em suas reflexões teóricas e literárias uma perspectiva sobre corpos, trajetórias que por muito foram marginalizadas. Sendo uma mulher negra, gorda, lésbica a mesma consegue articular diferentes pontos de vista nos seus trabalhos, trazendo para cena outras falas.

Tatiana Nascimento, juntamente com Denise Botelho ressalta a importância de lutar:

por invenção de uma linguagem representativa, alternativa à invisibilização e ao silenciamento, a tradução/reescrita feminista dessa poesia tampouco é luxo – mas sim é prática deliberada visando ampliar o alcance dessas vozes dissonantes, exercício feminista de reinventar a linguagem, recriar os sentidos (2013, p. 51)

É sempre importante salientar a necessidade de reinventar o mundo acadêmico através dos olhares periféricos, marginalizados, é preciso ocupar espaços que ainda tentam nos negar através dos preconceitos instaurados na nossa sociedade.

E é por isso que A Literatura Negra Feminina Erótica é sobre poder ser o que quiser, sem amarras, ou julgamentos. É sobre a construção de uma reflexão que pretende ampliar os horizontes eróticos que até então só foram pensados dentro um padrão masculino, heteronormativo. A pluralidade de vivência, sexualidade, corpo, relação existe e é imprescindível que exista teorias que abarquem essas multiplicidades.

A caminhada para tentar entender o uso do erótico pelas escritoras negras não é solitária; outra intelectual, Cristiane Paixão, mestre em literatura e cultura pela Universidade Federal Da Bahia, pesquisou e produziu a dissertação “Escrita *Crivada* de *Mutilância(s)*: A Voz Poética Feminina Negra na Produção Literária de Rita Santana”, trazendo para cena a escritora, intelectual Rita Santana e suas incursões pelo tema.

Mergulhar nos textos de Cristiane Paixão e Rita Santana me mostrou e me deu ferramentas, que aprimoraram minha visão sobre as múltiplas possibilidades da literatura Feminina Erótica Negra, a partir de uma nova perspectiva, fora do estereótipo e trazer para a cena um:

[...] erotismo sem pudor, sem regras e padrões que sustentam as formas (pré) estabelecidas. O erotismo é apresentado fora da regra da utilidade, em oposição ao cerceamento causado pelos valores religiosos, morais e sociais. Os sujeitos poéticos denunciam os direitos que lhe foram negados ao longo de sua história, como: fazer escolhas afetivas, sendo definidas apenas como corpo objetos receptivos e disponíveis para a relação sexual. (PAIXÃO, 2017, p. 95.)

É preciso ouvir o reverberar Erótico dessas mulheres que estão produzindo Outros conceitos, trazendo reflexões que tentam transformar o paradigma sexista que nos ronda e nos espreita à procura de limitar, censurar tudo que é feito para denunciar, criticar e mostrar uma nova perspectiva acerca dos corpos femininos insubordinados.

Essas escritas marcam uma mudança dentro da sociedade em que seus desejos, suas vontades são negligenciadas, é uma rasura porque coloca em discussão os padrões e ainda muda:

a perspectiva vigente ditada pelo modelo masculino dominante, a fala feminina marca uma de suas diferenças na apresentação do homem como objeto de desejo, ressaltando-lhe a beleza, que é intensificada pela participação ativa da mulher no ato amoroso. A atuação transformadora da mulher é indício [...] de outro modo de rompimento da tradição opressiva. (SOARES, 2000, p. 122 e 123)

Continuar com um modelo em que somente se referencia aos cânones brancos, masculinos é contribuir para a circulação e manutenção de uma perspectiva unívoca e homogênea e também sexista. Os caminhos e as experiências são múltiplos, vastos, ricos e precisamos analisar as várias maneiras que existem de representação para que os corpos que ainda são marginalizados e excluídos possam se sentir abarcados e contemplados.

As sujeitas negras desafiam todo o padrão estabelecido pelo cânone literário branco que circula amplamente, sem restrição e “aciona uma representação do erotismo, cujas imagens e sentidos diferem daqueles que circulam em textos literários que foram legitimados como hegemônicos.” (PAIXÃO, 2017, p. 78).

As Literaturas Negras Femininas Eróticas são produzidas para pensar na melhor possibilidade de representações, estudos e análises dos textos escritos por mulheres negras que vêm quebrar e reformular padrões limitadores e cruéis, mostrando uma diversidade escrita, trajetória e de sensações que nos arrebatam e relevam plurais mulheres.

É sempre urgente e necessário reconhecer o agenciamento dessas mulheres, que sempre foram vistas apenas como objetos, foram desumanizadas e foram submetidas a violências que até hoje perduram como os grandes números de feminicídios no Brasil. No entanto, elas também reagiram buscando formas explícitas e disfarçadas de demonstrar seus desejos e reagir à objetificação.

Que cada vez mais seja possível ouvir o reverberar das vozes dessas intelectuais, escritoras, que falam sobre os Erotismos e criam fontes de inspiração para diversas mulheres que procuram dentro da Literatura Feminina Negra Erótica uma representação e uma nova forma de se enxergar.

E que cada vez mais a situação fique bem Feminina, Preta, Afrontosa e... *Ei! É o meu sexo! Quem disse que é pra você?*¹¹

¹¹ Música *Meu sexo* composição de Larissa Luz e Pedro Itan.

3. “VIVENDO DE AMOR” E PRAZER: A(S) LITERATURA(S) NEGRA(S) FEMININA(S) ERÓTICA(S) E SUA IMPORTÂNCIA



É um fato histórico que devido ao processo de escravização e exploração, os corpos negros femininos foram marcados pela subalternização, pela violência física, sexual, psicológica e vistas apenas como corpo-objeto. Essas marcas atravessaram todo desenvolvimento afetivo por outras pessoas e para si mesma. E também influenciou diretamente no pensar Erótico Negro Feminino.

Como é possível pensar em seu corpo, seus desejos, suas pulsações, quando existe uma sociedade que não oferece direito a sua trajetória? Essa sociedade baseada na branquitude, machista, heteronormativa incentivou que nós mulheres e principalmente as mulheres negras, a não se conhecerem, a não gostar dos seus corpos, peles, formatos e jeitos.

A branquitude sabe como é perigoso as mulheres fortes, independentes e questionadoras, bell hooks nos fala:

Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e consequentemente, de amar. (hooks, 2010, s.p.)

¹² Ilustração de Isadora Simões para o livro *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*, 2015.

O que é mais revolucionário que mulheres negras, sendo sujeitas altivas e ativas, senhoras do próprio corpo e caminho, rasurando e ocupando espaços que as invisibilizaram? Acredito que “quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura.” (hooks, 2010, s.p.)

Nesta seção apresentarei outras formas de representatividade sobre as mulheres negras dentro das Literaturas Negras Femininas Eróticas, dialogando com outra forma de arte. Dançar, transar, trançar nosso corpo são os maiores sinônimos de liberdade e amor. Assim como se conhecer, é ficar livre de amarras que sufocam. Permitir que outras(os) vejam todas nossas cores e possibilidades é contagiante.

A “literatura surge como um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos”. (EVARISTO, 2005, p. 52,). Ela é uma ferramenta de configuração que move a sociedade de forma consciente e inconsciente, que é fonte de saberes que constroem imagens sobre povos, raças e culturas. Ela também contribui para construir emoções, sentimentos e afetos.

No Brasil, a literatura foi utilizada como uma fonte de fomentação de uma cultura baseada nos ideais da branquitude, sendo perpetradas histórias estereotipadas, subalternizadoras sobre as mulheres, a população pobre e negra. É possível criar uma lista de personagens que foram criadas de maneira estereotipada, sexualizada e marginalizada, mas não o farei.

As personagens sempre são mulheres negras hipersexualizadas, homens negros sempre dependentes químicos, crianças extremamente violentas e tantas outras representações negativas. A literatura brasileira tentou vender a imagem de uma sociedade com todos os problemas sociais resolvidos; o racismo é representado com um mito, o genocídio não existiu, o machismo é uma mentira e por fim somos todos héteros e felizes.

Para rasurar essas falas tão ultrapassadas e contar outras perspectivas, foram produzidos contra discursos que sempre questionaram tais narrativas. Há e sempre houve produções Literárias Negras, constituídas por textos que trazem marcas históricas

da atuação da mulher e do homem negro no Brasil que lutam para derrubar os muros dos sistemas excludentes e dos estereótipos.

Tais obras vêm contemplar vozes e histórias que por muito tempo foram silenciadas, elas englobam uma série de temas e assuntos que tocam várias feridas de um passado e presente de opressão. Ela também vem romper com processos nos quais as personagens negras passam por um embranquecimento ou apagamento dentro delas e descrições errôneas sobre as mesmas, Grada Kilomba afirma:

Dizem-me que estou fora do meu lugar, como um corpo que não está em casa. Dentro do racismo, corpos Negros são construídos como corpos impróprios, abjetos, “*deslocados*” e logo, como corpos que não pertencem. Corpos *brancos*, ao contrário, são construídos como aceitáveis, corpos em casa, “*no lugar*”, corpos que sempre pertencem. Através de tais comentários, pessoas Negras são persistentemente convidadas a voltar para o “*lugar delas*”, longe da academia, nas margens, onde seus corpos estão “em casa.” *A academia não é um lugar neutro, tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e de sabedoria, da ciência e erudição, mas também é um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a*. Ela tem uma relação muito problemática com Negritude. Aqui, temos sido objetificados/as, classificados/as, teorizados/as, desumanizados/as, infantilizados/as, criminalizados/as, brutalizados/as, sexualizados/as, expostos/as, exibidos/as e, por vezes, mortos/as. (KILOMBA, 2016, p 6 e 7.)

Mesmo diante dos problemas de circulação e tanta dificuldade para a Literatura Negra, vemos a resistência e luta dessas/es escritoras/es que trazem para a cena obras poéticas que se impõem e questionam uma sociedade patriarcal, sexista, racista, propondo outras formas de representação.

Os textos da Literatura Negra Feminina¹³ são compostos por temas, autoras/es e linguagens que estão diretamente conectados afrodescendência, que vêm recriar um novo olhar sobre uma história já apresentada, com o caráter de complementar, rasurar e inovar o cânone literário instaurado e, com isso, resulta em uma nova interpretação do que já foi contado.

As escritoras negras que compõem o círculo literário trazem novas perspectivas sobre o que já foi contado a partir do olhar da branquitude. Ser mulher negra numa

¹³ Referência de Literatura Negra Feminina baseada no texto “Mulheres Negras Escritoras” (2017) de Florentina Souza.

sociedade patriarcal é uma luta constante contra o machismo, contra a violência, contra a subalternização e o racismo.

A Literatura Negra Feminina traz para cena discursos que mostram outras perspectivas sobre as marcas históricas da mulher, que a todo instante está em uma luta ferrenha contra um sistema preconceituoso de representação perpetrado sobre os seus corpos, escritos e suas culturas.

E imagina só falar de assuntos que só homens tem autorização a falar? As escritoras que discutem o mundo da Literatura Negra Feminina Erótica combatem essa cultura machista, sexista e cruel. Grada Kilomba questiona:

Quem pode falar? Quem não pode? E acima de tudo, **sobre o que** podemos falar? **Por que** a boca do sujeito Negro tem que ser calada? Por que ela, ele, ou eles/elas têm de ser silenciados/as? O que o sujeito Negro poderia dizer se a sua boca não estivesse tampada? E o que é que o sujeito *branco* teria que ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se o/a colonizado/a falar, o/a colonizador/a terá que ouvir e seria forçado/a a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do ‘Outro’. Verdades que supostamente não deveriam ser ditas, ouvidas e que “deveriam” ser mantidas “em silêncio como segredos”. Gosto muito dessa expressão, “mantidas em silêncio como segredos”, pois ela anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar algo que se presume não ser permitido dizer (o que se presume ser um segredo). Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo. (KILOMBA, 2016, p. 1 e 2.)

Ao denunciar todos os males da sociedade racista e machista, ao entoar todas as vitórias das comunidades negras, a mulher negra tenta remodelar uma sociedade na qual existe a inegável omissão de narrativas sobre culturas que marcam sua construção. Elas contribuem para o circuito literário, o meio acadêmico, e para os debates acerca do preconceito racial e o sexismo que são estabelecidos nas relações interpessoais e profissionais, e estão a todo tempo promovendo um novo reconhecimento acerca da construção de nacionalidade especificamente da Literatura Negra.

A partir de novos olhares e escritas, as mulheres negras tornam-se senhoras dos próprios corpos e desejos, desenvolvendo e expondo a consciência de sua liberdade de expressão à procura de uma sociedade que abrigue todas essas vivências.

As obras produzidas pelas escritoras e intelectuais negras carregam em si uma importância imensurável, pois em sua escrita são quebrados vários sistemas que

dominam a sociedade. Suas produções denunciam e quebram um sistema excludente e que isso ocorra cada vez mais com:

Intensidade
 coisas intensas
 que chegam rapidamente
 quase sempre sexualmete
 te abre e te rasga
 te desconstrói
 e com a mesma velocidade que vem, vai
 te deixando apenas com mais necessidade daquela
 intensidade
 (RAMOS, 2015)

Esse poema de Brenda Ramos presente na *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa* nos apresenta como essas escritoras e intelectuais da literatura produzem contra discursos que questionam as narrativas brancas hegemônicas, mostrando a resistência milenar tecida pelas mulheres negras.

Os pulsares das Literaturas Negras Femininas acontecem de formas diferentes, todos igualmente válidos, e que mostram essas pluralidades de mulheres e suas também diversas formas de sentir a si mesmas, a/o outra/o e o mundo, afinal de contas:

[...] torna-se imprescindível trazer a insubmissão como traço característico. Como sabemos, (elas, nós) durante muito tempo, as mulheres foram vistas como extensões da propriedade de pais, irmãos, maridos. Assim, não eram autorizadas a falar, a tomar decisões, a gerenciar seus vidas. No entanto, se este foi o discurso hegemônico de representação das mulheres, elas não deixaram de resistir à fixação em tais modelos e fincaram na história várias marcas de insubmissão. (SOUZA, 2019, p. 195)

As poetisas abordam diversos temas em suas produções, como a exaltação do universo feminino, os Erotismos, os racismos, as questões políticas presente no cotidiano, sobre as formas plurais de amor e amar, ou seja, há um arcabouço de temas a serem descritos e remodelados por elas mesmas, favorecendo a multiplicidade dessas escritas.

Tantas formas de ser e viver, tantas formas de representações, que permanecer estanque a um modelo engessado é continuar oferecendo e reproduzindo o *perigo de uma única história*¹⁴.

O fazer literário é uma das ferramentas de comunicação e ajuda a mudar o olhar sobre o mundo, logo a Literatura Negra Feminina Erótica que é uma vertente em que as mulheres escrevem sobre outras formas de vivências, sexualidades e experiências, oferece obras literárias que representam vivências com infinitas possibilidades de sensações, assim como esse texto de Lu Cubra, presente em *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*:

...Ela tem um menino-homem que a leva a um sexo forte
dessa vez foram acompanhados...
outro menino-homem
sensação de êxtase inundando seu pensamento invadindo seu corpo
três corpos: degustação de cheiros, gemidos, beijos...
a noite clareia e a vontade não adormece...
um olhar que atence o gozo acompanhado de sorrisos, lindos corpos
suados e
satisfeitos!
(CUBRA, 2015)

A imaginação, amor próprio e autoconhecimento, são recursos de grande lubricidade. Neste poema de Lu Cubra é apresentado o poder natural Erótico Feminino; nos deparamos com uma sujeita que sabe de seus desejos, mostra a necessidade de um autocuidado, de gostar do que vê no reflexo do espelho.

Esse “menino-homem” pode ser lido como misto do bom das duas fases em que vivemos na nossa vida, o menino que remete a honestidade brutal, a entrega total, a coragem de viver e enfrentar aventuras em busca de novas sensações. E o homem que está no auge no seu amadurecimento, do entendimento do seu corpo, que entende da importância troca justa numa relação sexual.

Além disso, ela mostra como as mulheres também podem realizar fantasias sexuais que geralmente só os homens acham que tem direito. Temos três sujeitos poéticos, uma mulher sendo saciada sexualmente e eroticamente por dois homens, Lu

¹⁴Referência ao ted de Chimamanda Adichie que fala sobre os perigos e danos de propagar estereótipos, 2010. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>> Acesso em: 30 de março de 2020

Cubra ao escrever esse poema quebra os padrões heteronormativo, masculino e abre a possibilidade de realização de fantasias/desejos que, em geral, aparecem como restritas ao homem.

A Literatura Negra Feminina Erótica é pulsante, úmida ela abre caminhos para novas leituras, aflora novas sensações e ainda produz novas fontes para reconhecimento. Numa sociedade em que o corpo, o movimento é algo tão importante e transgressor, quando nos deparamos com mulheres negras que falam sobre si e seus desejos, percebemos o quanto é necessário falar sobre o que toca a flor da pele.

Só quem já teve seu poder de escolha retirado sabe como é importante dizer sim quando quiser, essa personagem está dividindo sabores e sensações com mais dois homens, relevando uma nossa possibilidade, uma nova afirmação no que tange as múltiplas possibilidades de viver o sexo.

Nós mulheres somos doutrinadas desde a infância a sentar de perna fechada, *porque mocinha não senta assim*. Ganhamos vassouras, fogões, bonecas que parecem bebês, *porque precisamos aprender a ser uma boa dona de casa e boa mãe*. Quando sabe cozinhar muito bem, *já pode casar*, não abrir o próprio restaurante. Ao entrar na adolescência e os hormônios estão intensos, o desejo da masturbação chega, mas nem sempre se realiza, *porque isso não é natural para meninas direitas*.

A todo o momento tentam colocar as mulheres dentro um padrão que sufoca, machuca, e que nos afasta de nós mesmas. A orquestra está toda montada para nós, o que querem é que sejamos *Amélia*¹⁵ e fiquemos felizes com a nossa *Faixa Amarela*¹⁶.

O padrão de feminilidade que nos é imposto constitui um incentivo para que todo o patriarcado seja mantido e perpetuado, o que gera mulheres aprisionadas em verdades machistas e excludentes, remetendo a importância do Negro Feminino Erotismo para alterar tal representação.

¹⁵Referência a personagem da música de Ataulfo Alves, personagem Amélia que era colocada somente como “mulher de verdade”, pois servia ao seu marido de forma subordinada.

¹⁶Música brasileira interpretada por Zeca Pagodinho, que conta a história de um homem que tem a intenção de presentear sua amada para expressar seu afeto, mas a canção na verdade relata um relacionamento abusivo, controlador.

As Literaturas Negras Femininas Eróticas tentam recriar lugares, falas com novas formas de identificação e expressão, pensando numa pluralidade de mulheres, condições sexuais, financeiras e sociais. É uma aproximação com nossos corpos e almas, é um grito de prazer que vem com liberdade, e assim, rompe com os padrões misóginos, racistas, homofóbicos.

As escritoras negras:

[...] buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, 2005, p. 54.)

As mulheres negras sempre foram as próprias Sujeitas e Agentes das suas história, bem antes, durante e depois da escravização. O seu agenciamento existiu e existe, porque:

Há nesse corpo de pele preta
 uma mulher que anseia por prazer!
 Mulher de sentimento sublime
 que se acaricia lentamente
 ao sentir uma necessidade corporal.
 Há nesse corpo de pele preta
 uma mulher que anseia por vulgaridade!
 Mulher de sentimento carnal
 que acelera pelo corpo
 as prazerosas carícias.
 (SANTANA, 2016, p. 51 e 52)

Pabline Santana, publica no *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusas*, com sua escrita Negra Feminina Erótica, mostra um outro pulsar das mulheres negras. Dona do próprio desejo, que conhece seu corpo, ela mostra todo o mundo de possibilidades alojados nos sentidos e desejos de uma sujeita poética. Já que:

Há nesse corpo de pele preta
 uma mulher que se deita e geme!

Mulher que se cala e geme!
 Há nesse corpo de pele preta
 uma mulher que deseja um outro corpo!
 Mulher que relaxa sensualmente
 ao sentir em seu corpo
 a saliva de um beijo molhado.
 Há nesse de corpo de pele preta
 uma mulher sexy e exótica!
 Mulher que descansa
 ao chegar no ápice da exaustão
 de um orgasmo bem sentido.
 (SANTANA, 2016, p. 51 e 52)

A sujeita poética aqui tem uma grande importância, porque além de mostrar uma mulher que sabe ter prazer sozinha, outro tabu quando se fala de sexualidade de mulheres, também apresenta as/os leitoras/es uma personagem que sabe o que busca na outra pessoa. Seja em um sexo casual ou dentro de um relacionamento sério, ela procura igualdade, que quer estar junto com qualidade, respeito e consentimento.

Essa mulher representada no poema traz uma nova perspectiva sobre se relacionar consigo mesma e com outra/o, mostra que existe a possibilidade de entrar em um relacionamento que não seja abusivo, que tenha cumplicidade, e o principal, que estar bem consigo mesma tem que estar em primeiro lugar.

Outro ponto a se destacar no texto literário é quando a mulher grita ao mundo o quanto é *sexy e exótica*, tomando para si dois adjetivos que são usados de forma depreciativa e ressignificar, mostrando que há beleza nisso e desafia o sistema preconceituoso da branquitude. O poema traz à tona outra forma de ser mulher negra:

Há nesse corpo de pele preta
 uma mulher humana, natural!
 Uma mulher doce e perigosa
 dotada de um corpo que deseja
 de um corpo que sente
 de um corpo que pede
 de um corpo que faz
 ao sentir necessidade!
 Mulher de sentimento carnal
 que deseja o erotismo
 de uma noite gozada de prazer!
 Há nesse corpo de pele preta!¹⁷

¹⁷Título: CORPO!

(SANTANA, 2016, p. 51 e 52)

A poetisa Pabline Santana mostra através da sua escrita uma mulher negra que foge dos padrões impostos na sociedade brasileira, mostra o quanto é necessário reformular os preconceitos que excluem e ferem. Ela mostra uma mulher negra que não aceita mais a objetificação, ela rompe com esse paradigma e se permite viver as sensações.

Além disso, Pabline traz de uma forma muito natural o desejo do Erotismo e como ele não se limita somente ao sexo ou masturbação, mas também que sente, que experiência o mundo, que está ali além de curvas.

As escritas Negras Femininas Eróticas abrem os caminhos para que as outras, eu e você, possamos explicitar, gritar aos quatro cantos dos mundos, que nossas experiências são legitimizadas, inteiras, fortes, regadas a doses de tesão, liberdade e diversidade.

Acredito na importância de pela romper “os limites da ideologia falocêntrica, os textos eróticos, construídos conforme os selecionados inscrevem a demarcação de espaços fixados pelo patriarcalismo e pela moral sexual cristã.” (SOARES, 2000, p. 120). É preciso reconhecer o agenciamento dessas mulheres, que sempre foram vistas apenas como objetos, foram desumanizadas e foram submetidas a violências que até hoje podemos ver essas marcas.

Esses textos trazem uma grande lubricidade¹⁸ quando vêm recriar um novo olhar sobre uma história estereotipada devido ao sistema excludente instaurado na sociedade brasileira. As mulheres negras intelectuais e escritoras gritam por mudança e liberdade, rasuram e denunciam representações cruéis e estereotipadas.

¹⁸ Nesta dissertação uso o termo “umidade” e “lubricidade” no sentido de feminilizar expressões recorrentes que aparecem em trabalhos acadêmicos e referenciar as possibilidades dos corpos femininos.

3.1 “NÃO MEXE COMIGO QUE EU NÃO ANDO SÓ”: DIALOGANDO LITERATURA NEGRA FEMININA ERÓTICA COM AS ILUSTRAÇÕES DE APOLLONIA SAINTCLAIR

A arte nos transporta para mundos distantes apenas por um olhar e também através de laudas com histórias. Ela produz sensações que podem ser transmitidas pelos olhos, ouvidos, toques e palavras. Tanto obras visuais como escritas são o portal mágico para o mundo que você escolher. E dessa forma foi pensada esta dissertação, intencionalmente querendo dialogar as diversas formas de artes Eróticas Femininas.

Nesta seção será feita uma literatura comparada entre duas artes que estão tão próximas e distantes, assim como no círculo Literário E(er)ótico encontra-se uma predominância de publicação masculina, assim também no mundo da ilustração. Com uma sociedade patriarcal e machista, percebe-se a repetição da exclusão feminina e seus trabalhos, nesse momento do texto será feito estudo das ilustrações de Apollonia Saintclair e os textos literários selecionados para esta dissertação.

Apollonia Saintclair, uma artista que compõe o mundo Erótico Feminino, quanto informações sobre esta ilustradora, o que se tem disponível é pouquíssimo, logo, o foco será analisar suas ilustrações. Contando com o que foi relato em raras entrevistas, sabe-se que a inspiração para o pseudônimo da artista é baseado em Guillaume um escritor e crítico de arte francês, ativista cultural das vanguardas do início do século XX. Além disso, seu trabalho é reconhecido por seus versos sem pontuação gráfica, ser o precursor do uso da palavra Surrealismo e também por falar sobre Erotismo.

Os poucos dados da bibliografia de Apollonia Saintclair estão em entrevistas, a desenhista afirma “não abrir mão da condição de anonimato e que não trataria de sua vida pessoal.”(PIMENTA, 2015)¹⁹ Com isso, também não há nenhuma fotografia que revele seu rosto.

¹⁹ Informação retirada da internet. Disponível em <<https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/o-segredo-de-apollonia-saintclair/>> Acesso em: 28 de abril de 2020.

Estabelecendo-se de forma anônima, priorizando sua arte e mostrando as diversas facetas dos Erotismos Femininos. Suas obras visuais são muito importantes no que tange a expressão da liberdade feminina, seus corpos e suas vivências, ela é:

uma artista que, como todos os melhores, almeja ser percebida como uma entidade inumana. Seria apenas mistificação pós-moderna se o seu traço, os temas e o poder altamente erótico do trabalho não a inscrever se, de fato, entre as melhores desenhistas eróticas da atualidade. (PIMENTA, 2015.)

Apollania Saintclair cria imagens visuais como esta:



(SAINTCLAIR, 2015.)

Um dos grandes tabus dessa sociedade é a masturbação feminina, nós mulheres nunca somos educadas a conhecer nossos corpos, esse ato é tratado como “errado” e culmina que vamos cada vez nos afastando de nós mesmas. Acredito que masturbação está para além de “aliviar” uma tensão sexual, é desenhar um mapa dos pontos importantes do próprio corpo, é curtir a solidão sem o medo da solidão, entender qual o seu Erotismo e como você pode viver ele no mundo.

Conhecimento é a primeira liberdade que podemos alcançar quantos humanos, e isso é imprescindível para que haja revolução, mudança, empoderamento. E é isso que

pode ser lido nesta ilustração, ela não mostra somente um corpo feminino nu masturbando-se, mas dialoga com a importância de estar conectada consigo mesma. Quando conseguimos nos amar plenamente e em todos os sentidos, conseguimos avaliar melhor o que merecemos e onde devemos estar. Esse trabalho de Apollonia dialoga muito bem com o texto a seguir, com autoria de Thaily Estacio, presente na antologia *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*:

Cheguei em casa aquela noite extremamente cansada, talvez mais do que os outros dias e a primeira coisa que fiz foi tirar os calçados e sentir o chão o qual estava mais macio do que nunca.

Decidi então preparar uma comida e enquanto isso me sentei no sofá, fechei meus olhos e foi quando veio.

Não disse absolutamente nada chegou e olhou fixamente nos meus olhos, passou os dedos na minha boca sem me beijar e escorreu as mãos no meu pescoço e pude sentir aquelas mãos quentes. Eu apenas sentia o toque e a sua respiração, agarrou as minhas costas como se dissesse que naquele momento éramos únicos, desceu suas mãos sobre a minha coxa e apertou com tanta força que o meu corpo se erguia do sofá, desabotoou os botões da minha blusa bem devagar e tocou meus seios com delicadeza fazendo movimentos circulares no bico e aquilo me dava cada vez mais calafrios, abaixou as minhas calças, tirou a minha calcinha e nesse momento eu já estava em febre eu abri as minhas pernas ao máximo que quisesse e era realmente como eu queria, colocou as suas mãos na minha barriga e desceu carinhosamente para o meu clitoris e apertava ao mesmo tempo tremia as mãos devagar e rápido e rápido e rápido. Eu gostaria que aquilo fosse eterno.

Como era gostosa aquelas mãos macias e aquele toque suave.

AIII: eu sussurrei.

Colocou o dedo bem devagar e continuou na minha vagina e entrava e saía e percebeu que eu cabia mais e enfiou mais um dedo eu sentia tudo dentro de mim apenas me restava fechar os olhos, eu mordida e gemia meus lábios de tanto prazer quanto senti que o mundo apagou e as minhas pernas tremeram quando tudo menos importava. Meus dedos estavam completamente molhados, eu estava em êxtase.

Abri meus olhos, limpei minhas pernas com o travesseiro, levantei e fui ver o arroz que tinha queimado. Era a primeira vez que tive um orgasmo e comigo mesma.

(ESTACIO, 2015, p. 89 e 90)

Percebe-se que esse poema não fala apenas de uma mulher chegando ao orgasmo, ela fala de diversos prazeres que podemos ter. Existe o gozo em ser independente, conquistar seu próprio espaço e preparar um jantar gostoso após um dia de trabalho.

Conectar a história visual contada por Apollonia e as palavras versadas por Thayse é ampliar o mundo da arte e literatura é se permitir ir a outras dimensões, é assistir e sentir as sensações se cruzando, duas mulheres conectando-se consigo mesmas.

Na ilustração temos uma sujeita poética vestida com lingerie sensuais, meia calça transparente, o desejo umedecendo seu corpo e gritando pelas quatro paredes do apartamento. No poema a sujeita poética nos leva com avidez no seu momento mais íntimo, aquele em sua fome por celebrar a si mesma é realizado. Essas duas artistas desafiam todo esse sistema de representação e perceber-se que:

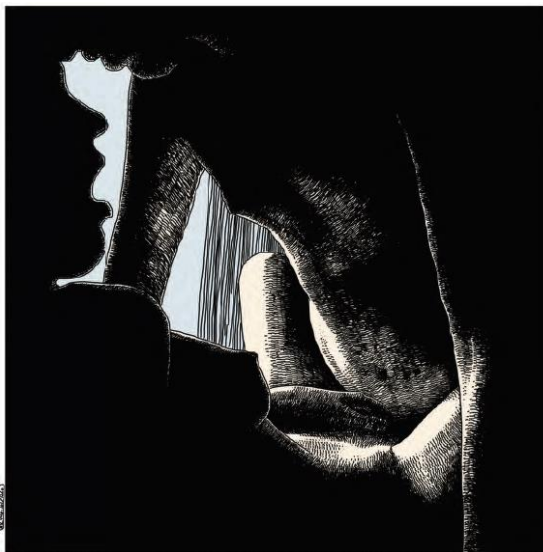
Através de profusos véus, é possível retratar diferentes nuances da sexualidade humana, manipulando o prazer e o desejo. Tendo em vista seu caráter transgressor, inúmeras obras eróticas tornaram-se campo de batalha para contestar moralismos e reivindicar vivências do corpo. (ZUCCHI, 2014, p. 4)

Essas duas artistas mostram como é revolucionário o autoconhecimento, como o corpo da mulher é um lugar mágico, com diversas nuances e singularidades. A partir do que pode ser uma lembrança, história criada, essas mulheres se permitem uma noite de prazer, ela rememora isso através dos seus dedos. Essa mulher se permitiu gozar sozinha, em seu lugar privado, por meio da sua fome de tesão, desejo e Erotismo.

Essa paixão arrebatadora chega e toma espaço avassaladoramente, levando a loucura e delírio, tateando o corpo procurando um tesouro precioso. O desejo aqui é o senhor da razão, ele comanda a viagem, acorda sentimentos que por muitas vezes não foram encontrados. Vejo aqui as sensações como guias e que devem ser respeitados, nos alertando como é importante em alguns momentos se deixar levar, viver intensamente o que se deseja.

Apollonia Saintclair desafia a cultura misógina e declara através do seu trabalho “é um produto direto da colisão entre o thrash e o sagrado, entre a cultura pop e alta cultura.” (PIMENTA, 2015). São obras artísticas que mostram como as mulheres são tão poderosas, sexuais, livres.

Além disso, um ponto importante também é retratar as relações heteros de forma saudável e prazerosa, segue a ilustração:



(SAINTCLAIR, 2013.)

Na imagem temos um casal, envolvidos durante o momento da penetração, a mulher duplamente excitada, masturbando-se enquanto é preenchida, com sua boca aberta demonstrando o quanto está perto do seu orgasmo e como está plenamente realizada durante esse ato sexual. É importante ter uma referência como essa, pois é alarmante como uma grande maioria das mulheres são infelizes durante o ato sexual, nunca atingindo um orgasmo, sendo apenas um objeto para os homens.

Esse casal abre interpretação da possibilidade de prazer ao máximo e gozo libertador, que é possível ser sentir realizada. E ainda ressalta como é importante entender seu caminho para o prazer, pois você saberá reivindicar e reconhecer quando estará vivendo satisfatoriamente.

Assim como, Carla Mariano nos fala no seu poema:

Vamos fuder o dia inteiro
Você toca pra mim, eu danço pra você
Me faz um carinho, no corpo no cabelo
Vamos ler e ouvir música vamos fuder o dia inteiro

Podemos viajar
 Ir a festas e parques
 Visitar os parentes e os amigos
 Beber, fumar
 Cuidar das crianças
 Vamos fuder o dia inteiro
 (MARIANO, 2015)

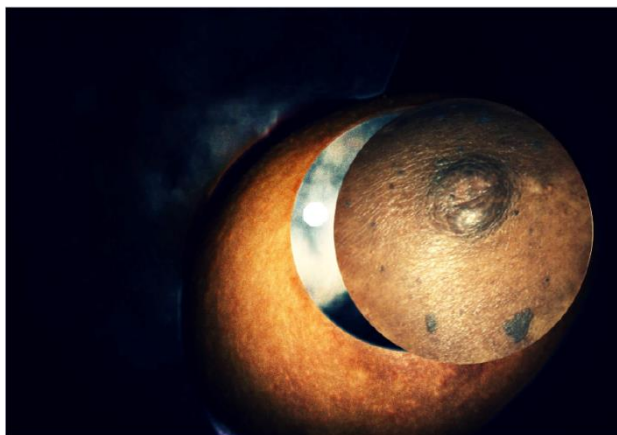
A fala é uma instância poderosa de liberdade e essa sujeita poética apresentada por Carla Mariano sabe muito bem usá-la, ela sabe o que quer e pede. Quando eu aprendi a gritar todos meus medos, desejos e anseios, foi quando vi possibilidade de viver fora das amarras tóxicas e abusivas. E isso que essa mulher mostra nesses versos, sua altivez dentro dessa relação, ressignificando os sentidos que foram atribuídos ao que é sexo:

[...] o "sexo" não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, fazer, circular, diferenciar — os corpos que ela controla. (BUTLER, 2000, p. 110)

O sexo entre esses casais da ilustração não funcionam apenas como atos mecânicos, mas também meio também reivindicar seus direitos de liberdade e respeito. Os atos sexuais aqui descritos e expostos não são apenas corpos que estão com desejo, mas momentos em que as mulheres também estão atuando com seu agenciamento. E sua linguagem quebra toda expectativa que a cultura machista impõem ao comportamento da mulher, ela expõe cruamente seus desejos e vontados.

Os corpos ali não são vazios, não são robóticos, mas estão seguindo a intuição e o rastro de sensações que os Erotismos gritam. E assim que é o mundo da Literatura Erótica Feminina Negra, a possibilidade das vivências femininas transitarem de forma livre e que as histórias são contadas sob o viés positivo, também porque [...] a presença do erotismo na cultura escrita é incontestável, uma vez que, sendo um elemento essencial da condição humana, está presente mesmo na sua ausência. (ZUCCHI, 2014, p. 4)

E é isso que a ilustração de Leila Negalaize Lopes representa:



(LOPES, 2015)

Temos um histórico de exposição e exploração do corpo das mulheres negras de forma estereotipada e hipersexualizada nas novelas, filmes, livros e a nossa cultura racista só continua alimentando isso de forma interessada. Ao encontrar essa ilustração na obra *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deus*, achei de suma importância essa peça de arte.

O corpo feminino sempre subjugado, objetificado pelos homens e algumas vezes por outras mulheres, assume aqui o seu poder vital que tanto tenta ser roubado por tantas violências instauradas na nossa sociedade. O seio que se mistura com uma noite de lua, que é porta de entrada para o prazer, não limitado ao sexual, mas o bem estar de conhecer seu corpo.

Nada mais é poderoso que conhecer seu corpo e seus movimentos, o mamilo do seio feminino em exposição desafia todos os tabus que incentiva em esconder o corpo, uma representatividade de como é importante resistir, lutar e existir e o mais imprescindível, viver bem.

Essa ilustração de Leila Negalaize Lopes apresenta uma similaridade com de Apollonia Saintclair:



(SAINTCLAIR, 2015.)

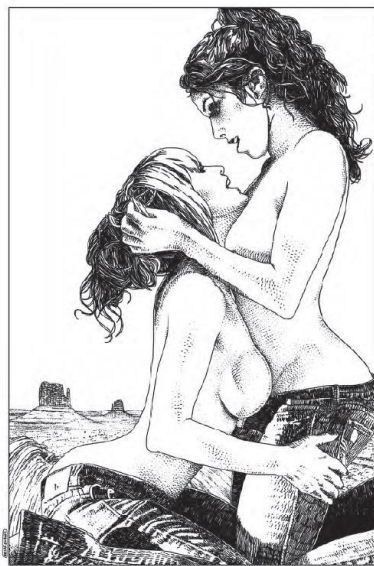
Nessa imagem da ilustradora vemos uma mulher branca, com pêlos pubianos, expondo seu corpo à lua, mostrando seu corpo com orgulho. E é fato como todo o tempo as mulheres são doutrinadas a competir uma com as outras, incentivadas a retirar todos os seus pêlos, não gostar dos seus corpos. É uma luta diária se olhar no espelho e se sentir plena, feliz, sexy, desejável.

E essas ilustrações só reiteram um sentimento de emancipação, da importância de poder transitar nos espaços com consciência e posicionamentos que permitam todas as mulheres uma equidade de tratamento tanto nas representações, quanto no cotidiano. Nós mulheres precisamos ocupar os lugares de forma livre e que nossas vivências sejam igualmente respeitadas e que nunca

A noite não adormecerá
 jamais nos olhos das fêmeas
 pois do nosso sangue-mulher
 de nosso líquido lembradiço
 em cada gota que jorra
 um fio invisível e tônico
 pacientemente cose a rede
 de nossa milenar resistência.
 (EVARISTO, 2008)

Continuaremos resistindo, sobrevivendo e por fim, vivendo como é nosso direito, independente do racismo, machismo, misoginia, lesbofobia e todas as violências impostas. Apollonia Saintclair é uma grande ilustradora, que demonstra um empenho em retratar as amplas formas de erotizar e viver isso.

A artista mostra uma relação lesboafetiva a partir do viés positivado, uma relação entre duas mulheres fora do fetiche heteronormativo, segue a ilustração:



(SAINTCLAIR, 2013)

Ser uma mulher lésbica é muito difícil dentro dessa sociedade com tantos padrões excludentes, tem o medo de morrer, ser violentada, perseguida por homens, perder emprego e tantas outras coisas. Nossas relações sempre são reduzidas a uma insatisfação sexual com algum homem, uma fase, ou o fetiche masculino, e como consequência, gera um medo de segurar a mão da sua namorada, demonstrar afeto em público.

Essa ilustração mostra as diversas sensações que duas mulheres podem sentir juntas, como os corpos encaixam e expressam isso com a normalidade que é preciso se tratado esse assunto. É importante se enxergar positivamente assim como nesta obra de arte e também em palavras, como nesse poema:

Entres pelos e coxas grossas

finda uma fenda
 suntuosa.
 fonte perene de águas cálidas
 me banha o céu da boca.
 Quem me dera
 uma barca, uma jangada
 cruzar teu Atlântico
 conhecer tua outra margem
 que deságua em África.
 Com os dedos escorregadios
 passeio em solo firme
 tateando teu relevo sinuoso.
 (NASCIMENTO, 2015, p. 127)

As sujeitas poéticas aqui nos fazem mergulhar em águas profundas, que levam pela sua correnteza para além do que essas palavras querem expressar, Jennyfer Nascimento traz a simbologia da água para falar da excitação feminina. A autora descreve uma dança de corpos regados a um ritmo forte, cadente e recíproco. Além disso, temos o cruzamento do Atlântico, faz referência com as influências às mulheres africanas na história do mundo. E também esse corpo é ligado ao continente africano, que é o terceiro maior em extensão territorial, cuja história está ligado ao Brasil podendo fazer a leitura das infinitas possibilidades de prazeres com o corpo de outra mulher.

Os versos continuam:

Teus seios volumoso
 diferem do meus
 bico a bico.
 Tua bunda lustrosa
 mais parece pérola negra.
 Pra te alcançar te busco a nado
 em água viscosa
 meio doce, meio salgada.
 Fenda que não finda.
 Fresta que não fecha.
 Mulher, mulher
 minha Iansã se encontrou com tua Oxum
 trocaram carinhos e oferendas.
 Respirei fundo, gemi.
 Os teus olhos saltaram.
 Nasceu o encontro das águas.
 Odoiá, Iemanjá.
 (NASCIMENTO, 2015, p. 127)

Essas mulheres do poema continuam a sua dança, seios com seios, estimulando os seus pontos sensoriais, nádegas compara com uma pérola negra, que são muito raras de serem encontradas, levando a interpretação de como a sintonia desses corpos são perfeitos. Todas as simbologias da água nesse poema podem levar a interpretação da leveza do corpo feminino, como sua dança é fluída, Erótica, é um mar de infinita possibilidades.

Dialogando com a ilustração de Apollonia SaintClair que coloca em uma imagem a possibilidade real, fora do fetiche e estereótipo a relação sexual, Erótica e afetiva entre duas mulheres. O que incita a reflexão que a representação das relações afetivas e sexuais lésbicas são necessárias para formular reconstruções sobre os estereótipos que foram perpetuados pela heteronormatividade, e além disso:

[...] reconhecemos que, se poesia lésbica negra não é luxo, mas luta por invenção de uma linguagem representativa, alter-nativa à invisibilização e ao silenciamento, a tradução/reescrita feminista dessa poesia tampouco é luxo – mas sim é prática de-liberada visando ampliar o alcance dessas vozes dissonantes, ex-ercício feminista de reinventar a linguagem, recriar os sentidos (SANTOS e BOTELHO, 2013, p 51.)

O trabalho da ilustradora Apollonia SaintClair é de grande contribuição para pensar as representação das mulheres no mundo das artes plásticas, abrindo o caminho para outras trabalharem seus diversos Erotismos, assim como a Literatura Erótica Feminina Negra permite que as mulheres negras escrevem sobre suas experiências, quebrando com:

autoria masculina, o que prevalece é uma representação estanque do corpo e sexualidade das mulheres, na autoria feminina podemos constatar a preferência na escrita em primeira pessoa do singular, utilizando um eu lírico feminino, que descreve ou confessa desejos, critica as relações normativas ou descobre o próprio prazer. (OLIVEIRA, 2018, p. 84)

É cada vez mais importante falar sobre as representações positivas, livre de opressão e tradicionalismo. Não há mais espaço para que seja propagado mais estereótipo sobre o corpo da mulher negra e sua história. Estamos em um momento que é preciso enfrentar de peito aberto todas as formas de prisões existentes dentro e fora da literatura.

O amor e a cura foram apresentados aqui fora do previsto, foi visto através das ilustrações e poesias como as representações positivas mudam a percepção sobre nós mesmas e o mundo ao nosso redor.

As escritas dessas intelectuais e poetas e trabalhos de outras artistas oferecem um leque de informações e mundo que por muitas vezes nos passam despercebidos. Ao conhecer essas histórias, viajamos a mundos distantes, reais, com muitas perspectivas novas e reveladoras. Isso abre a possibilidade para que novos caminhos possam ser trilhados.

E mostra como a “luta das mulheres, pois, não se restringem à sobrevivência cotidiana, elas descobriram pequenos espaços de liberdade que lhes possibilitasse um viver menos doloroso”. (SOUZA, 2019, p. 198).

**4. “PARA TE ENCONTRAR, EU DOU A VOLTA NO SEU MUNDO”:
ANÁLISE DAS OBRAS *PRETUMEL DE CHAMA E GOZO* E *ALÉM DOS
QUARTOS: COLETÂNEA ERÓTICA NEGRA LOUVA DEUSA***



Ser mulher é lutar todos os dias contra inúmeras barreiras sexistas, e ainda assim, ocupar espaços predominantemente masculino e também responder às questões machistas, sexistas e racistas;

Nesta seção serão feitas as análises das obras *Pretumel de Chama e Gozo*; *Além Dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*, comentando e abordando todos os aspectos quanto a sua estética, característica e história.

Ler e compreender as vivências de outras mulheres me guiou desde escolher o tema da minha dissertação, a ter responsabilidade afetiva e a também conhecer e respeitar outros tipos de realidade fora da minha bolha.

²⁰ Ilustração de Fatma Abdalla para o livro *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*, 2015

Não há possibilidade para isso, eu sendo um corpo-resistência, tenho o dever de lutar por epistemologias que abarquem não só a mim, como para nós todas, que formam os grupos de minorias que vivem em contextos tão diferentes.

Sou um exemplo disso, passei minha adolescência me forçando a uma heteronormatividade compulsória, procurando me encaixar nos moldes pré-fornecidos, que me fizeram procurar abrigo na literatura. Eu especificamente procurei me encontrar na Literatura Erótica, sempre achei que quem escrevia tinha uma liberdade, um empoderamento, e eu queria aquilo para mim.

Quando meu caminho cruzou com literatura Erótica pensei: ESTOU A CAMINHO DO NIRVANA, mas ainda não era o que eu procurava, não consegui me ver refletida naquele espelho. A literatura erótica canônica branca tem uma predominância masculina entre os eleitos da *alta* de literatura, a qual não me oferecia representação que, por muitas vezes, repetia padrões que me incomodavam..

Depois li algumas obras estrangeiras, mas ainda assim, as mulheres estavam em um lugar subalternizado e aquilo não me apetecia para leitura. E fiquei ainda mais desconfortável.

Não só como ideologia, mas como obrigação enquanto intelectual e pesquisadora, também busquei encontrar força em outras escritas que não circulam amplamente no meio acadêmico e que seguem uma mesma linha de pensamento que adotei para construção desta dissertação.

Inicialmente tive contato com alguns poemas e textos Eróticos escritos por Miriam Alves, Lia Vieira e também publicados em algumas antologias de *Cadernos Negros*, o que me impulsionou a procurar cada vez mais essas escritas Femininas Eróticas Negras.

É um fato concreto que “ao colocar o sexo no centro do discurso, o erotismo se torna um mecanismo de poder, em que os homens são, historicamente, os principais autores e leitores, sobrando às mulheres a alcunha de objeto a ser representado em obras eróticas.” (OLIVEIRA, 2018, p. 84)

As mulheres sempre escrevem, mas sempre há um silenciamento e invisibilização no que elas produzem, a exemplo de Gilka Machado. Uma das primeiras mulheres negras a escrever e a falar sobre o Erotismo. Muito julgada, recebeu apelidos machistas, por falar sexo, Erotismo, rompendo com o ideal machista que homens já falam desde sempre.

Nascida numa família que era regida pela arte, aos 14 anos já ganha um concurso literário, promovido pelo jornal *A Imprensa*, foi muito marginalizada, começou a trilhar um caminho Negro Erótico Feminino, que hoje continuamos com muito prazer. Em seu poema *Esboço*, ela fala:

Teus lábios inquietos
 pelo meu corpo
 acendiam astros...
 e no corpo da mata
 os pirilampos
 de quando em quando,
 insinuavam
 fosforescentes carícias...
 (MACHADO, 1928)

No ano de 1928, ela escreve este poema tão revolucionário, sobre autonomia feminina, sobre o prazer sexual. Gilka mostra um casal, que na minha interpretação estão em um lugar ao céu, em contato com a natureza e trocando prazer. Iluminada pelas luzes dos vaga-lumes, vemos um casal que troca carícias, tem também a insinuação de um sexo oral.

A poeta segue com sua história:

e o corpo do silêncio estremecia,
 chocalhava,
 com os guizos
 do cri-cri osculante
 dos grilos que imitavam
 a música de tua boca...
 e no corpo da noite
 as estrelas cantavam
 com a voz trêmula e rútila
 de teus beijos...
 (MACHADO, 1928)

Continuando e chegando ao orgasmo máximo, o corpo extremamente sensível, o casal segue ao som da natureza, embalado pelas sensações que afloraram durante o encontro sexual. Gilka Machado, uma mulher que sempre esteve a frente do tempo, que foi uma das vozes femininas, que ajuda a construir arcabouços literários que corroboram com uma representação insurgente.

Em outro poema seu intitulado como *Memória* na mesma antologia, ela quebra o tabu ao falar sobre masturbação feminina. Segue trecho:

Sei que és belo, porém me sinto imprecisa
 no cérebro a lembrança do teu rosto...
 Mas dessa boca o indescritível gosto
 meu lábio logo reconheceria
 dentre um milhão de bocas que provasse
 Sei que és belo, porém roubou-me a vista
 de teu carinho e ebiez,
 naquela única vez,
 em que estive em teus braços
 Mas a Saudade - a velha e sábia artista
 no silêncio modela os teus másculos traços,
 e a escultura de tua formosura
 de minha solidão enche os espaços
 Meus poros te olham...
 De que te vê
 minha epiderme se persuade,
 à memória do tato,
 reconstituindo pelos dedos da Saudade.
 (MACHADO, 1928)

Gilka Machado, mostra como é poderoso se tocar e se conhecer, como o corpo da mulher é um lugar mágico, com diversas nuances e singularidades. A partir de uma lembrança que a personagem guarda de uma noite de prazer, ela rememora isso através dos seus dedos e da memória.

Essa mulher se permitiu gozar sozinha, em seu lugar privado, por meio da sua saudade e desejo. Falar sobre os escritos desta autora marcante reafirma para mim, e espero que para tantas outras, como é bom ser uma mulher empoderada e independente.

“É preciso criar condições para viver plenamente. E para viver plenamente as mulheres negras não podem mais negar sua necessidade de conhecer o amor”. (hooks, 2010, s.p.) E é isso que as antologias estudadas aqui me permitiram sentir, elas criam espaços para que as mulheres negras exerçam as suas liberdades e anseios.

Um dos primeiros livros escolhidos para esta dissertação, foi *Pretumel de Chama e Gozo*, organizado por Cuti e Akins Kintê, e publicado no ano de 2015 pela editora Ciclo Contínuo. É uma *Antologia da poesia negro-brasileira erótica*, um dos primeiros livros literários que tive contato nessa minha viagem no mundo da Literatura Negra Feminina Erótica, ressaltando que só irei analisar os poemas de autoria feminina.

Na obra temos textos dos autores: Akins Kintê, Allan da Rosa, Cizinho Afreeka, Cuti, Fausto Antonio, Felipe Choco, Giovane Sobrevivente, Guellwaar Adún, Hamilton Borges Walê, Israel Neto, Jairo Pereira, Jairo Pinto, Jocevaldo Santiago, José Crespo, Lande Onawale, Ligerim, Luís Carlos de Oliveira “Aseokaynha”, Michael Yakini, Oubi Inaê Kibuko, Preto Win, Rocha, Sergio Ballouk, Sidney de Paula Oliveira, Tiely Queen.

E das autoras: Claudia Wallesk, Cristiane Sobral, Débora Garcia, Elizandra Souza, Iara Aya, Jenyffer Nascimento, Livia Natália, Mel Adún, Mel Duarte, Nina Silva, Priscila Preta, Raquel Almeida, Sueide Kintê, Zannah Lopes, Zula Gibi.

Um livro impecável no tange edição, organização de poemas, importante como registro de uma produção que, como já pontuei, não é muito valorizada, mas é preciso pontuar algumas questões que me chamaram a atenção como lacunas. É perceptível que temos mais escritores do que escritoras na obra, o que gera um incômodo quando penso em igualdade, mesmo tendo uma distribuição de poemas para cada autor e autora. Temos 25 homens e 15 mulheres, demonstrando um predomínio das vozes masculinas no campo da Literatura Negra. O interessante é oferecer uma igualdade de espaço tanto para o homem negro, como para mulher negra, outro ponto são as ilustrações que estão no livro:



Aqui estão a capa e a primeira folha do livro, as ilustrações se limitam reproduzir a seios e vaginas. Sendo um livro que “reflete o dinamismo e a variedade de visões e concepções de seus quarentas autores e autoras, desde a sensualidade do flerte até a explicitação do ato” (AKINS E CUTI, 2015, p. 11) as ilustrações não abarcam as diversas sexualidades que estão apresentadas na obra.

Mulheres héteros e os homens gays não estão contemplados com essa única representação na capa e atribuir erotismos somente a seios e vaginas é continuar perpetuando a objetificação dos corpos femininos e também “o controle sobre o corpo feminino (re)produz, em muitos textos eróticos, certos padrões de normalidade, sobretudo demarcando quais são corpos e práticas possíveis de serem desejados, e o que está aquém disso”. (OLIVEIRA, 2018, p. 88)

Erótico pode ser um o pênis ereto, uma nádega e outras partes do corpo podem ser erotizadas, assim, existem outras formas de ilustrar esse poder que cresce e se desenvolve dentro de cada pessoa.

Limitar o imaginário Erótico somente a partes específicas de um corpo não faz jus ao quanto o corpo é um rio, cheio de nascentes e afluentes, terminações nervosas que desabrocham não só ao toque, mas também as palavras e lembranças. Além de que, passa uma ideia que somente o público alvo da leitura da obra é hétero, masculino – as

mulheres lésbicas são marginalizadas e não são pensadas enquanto consumidoras da Literatura Erótica – causa grande incômodo.

Em um poema de Cristiane Sobral publicado no livro, *Eu falo*²¹:

Gosto do falo intumescido
em um corpo negro com conteúdo
que sussurra ao invés de gritar
da fala certa do falo em chamas
Gosto do falo a invadir o negrume
do espaço entre minhas pernas
do falo decorado pelos neurônios
falo sem falácias
é fonte suprema e sagrada refeição
gosto do falo mudo de tesão
a me deixar sem fala.
(SOBRAL, 2015, p. 110)

A voz poética assumida é por uma mulher negra que entendeu que o senso de pudor que lhe é imposto é totalmente castrante e ensurdecador. A sujeita poética já começa declarando seu prazer ao entrar em contato com um falo e não somente isso, ela se interessa tanto pela forma como pelo conteúdo.

Exigindo requisitos, o homem com quem ela idealiza se relacionar seja casualmente ou de forma romântica, precisa ser articulado, esperto, inteligente. E também desconstruído a ponto de não repetir padrões machistas, sexistas. É um alerta para os homens para que eles estudem sobre os feminismos, sobre a masculinidade tóxica e como isso os afeta negativamente também.

O sexo para sujeita poética é um momento sagrado, não no sentido ideológico que restringe, mas onde as pessoas entendem a dança e o embala. É o momento entre o casal que preciso estar envolvido de forma fluída. E sua escrita é de deixar suas/eus leitoras/es sem fala e só atenção como os corpos podem e se mexem nesse vasto mundo que nos rodeia.

Independente das críticas tecidas, o trabalho feito no livro foi pensado de forma impecável entregando uma obra interessante nos aspectos intelectuais, literários, Eróticos. Acredito que é preciso só se atentar ao detalhes e o que perpassa no mundo do Erótico além do que nossos olhos podem ver e como vivemos as sensações.

²¹ Título do poema.

Neste presente trabalho também estudo e analiso outra obra, *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*, editado por Priscila Romio, lançado no ano de 2015, contando com ilustrações e poemas feitos somente por mulheres negras.

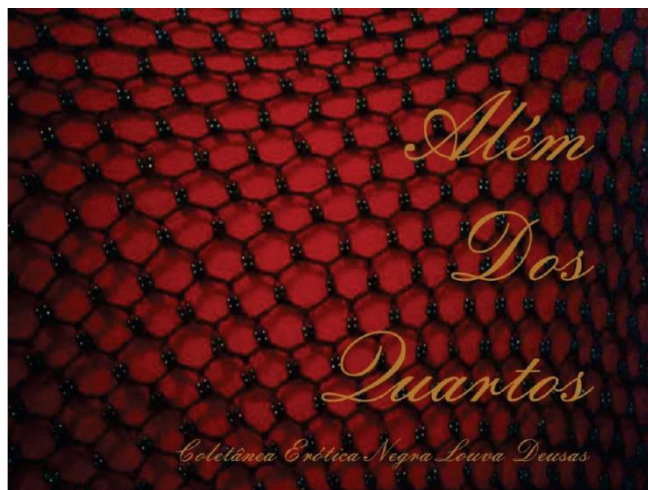
O coletivo desenvolve seu trabalho de maneira livre e independente, criando um espaço saudável e acolhedor para as artistas se sintam confortáveis para produzirem seus textos literários. Tendo um meio editorial hegemônico que elege como importante o padrão de branquitude, heteronormativo, é revolucionário ter uma obra literária e artística que coloca em destaque as mulheres negras falando sobre erotismo, sobre ser empoderada e conhecer seu corpo fora das regras que foram impostas.

Ao embarcar na viagem que o livro oferece a/ao leitora/or mergulhamos em um mundo fantástico do Erótico Feminino Negro, entendemos o quão importante é combater a hipersexualização que é imposto, aos corpos das mulheres negras, como o racismo é uma erva daninha que fere tudo que toca e onde nasce. Além disso, mostra como é importante se articular como grupo para lutar contra a marginalização dos meios editoriais com obras que contam outras narrativas que questionam padrões excludentes.

Nos livros são apresentados ao público textos de 41 escritoras e 11 desenhistas feministas negras e ilustrações de artistas franco-marroquina e franco-sudanesas. As escritoras e também intelectuais são: Tula Pilar Ferreira, Meryellen Rangel, Brenda Ramos, Formiga, Elenice Andrade, Carla Mariano, Raquel Almeida, Aline Soares Negríndia, Lu Cuba, Analise da Silva, Tati Costa, Bianca Gonçalves, Mel Duarte, Celinha Dias, Thaily Estacio, Vivian Kosta, Carmen Faustino, Samya Carvalho, Ana Terra Araújo, Paola Ferreira, Karla Ramalho, Bárbara Nascimento, Laura Mendes, Lílian Almeida, Viviane Angélica, Suely Bispo, Belize Pombal, Priscila Romio, Carol Pabiq, Malu Viana, Pabline Santana, Lucia Udemezue, Monica Feitosa Santana, Joice Aziza, Anita Benife, Nina Silva, Valquiria Lima, Quédima Ferreira, Barbara Falcão, Vanesa Beco, Ornella Rodrigues e Claudia Canto.

As ilustrações foram feitas por: Fatma Abdalla, Renata Felinto, Leila Negalaize Lopes, Hayanna Saldanha, Olyvia Bynum, Isadora Simões, Adrielle Santos, Nanouch Lami, Jeniffer Dias, Aline Magnos e Jackeline Romio.

Nosso primeiro olhar encontra a capa:



Ao fundo tem um tecido vermelho, sobreposto com uma rede, remetendo a vestidos que marcam as melhores curvas do corpo feminino. A obra *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa* já começa mostrando a/ao sua/eu leitora como o mundo negro, feminino é importante.

E, além disso, nos mostra que os Erotismos não se resumem a um quarto, a quatro paredes, a uma tensão sexual ela está ao nosso redor, a todo o momento, irradiando dos nossos corpos. Erotismo é uma conexão:

ampla e destemida ênfase da minha capacidade de gozar. Do jeito que meu corpo se expande à música e se abre em respostas, auscultando seus ritmos profundos, assim cada nível de onde eu sinto também se abre à experiência eroticamente satisfatória, seja dançando, construindo uma estante de livros, escrevendo um poema, examinando uma ideia. (LORDE, 1984, p. 3)

E também como meu corpo, como o corpo feminino é poderoso, é forte, é vida e ficou muito mais negro e matriz o porquê “a noite não adormecerá jamais nos olhos das fêmeas²²” através da ilustração de Jeniffer Dias (2015):

²²A *noite não adormecerá* nos olhos das Mulheres poema de de Conceição Evaristo publicado nos Cadernos Negros, vol. 19.



Esta mulher na ilustração não esboça nenhum tipo de feminilidade padrão, seus cabelos não longos, o contrário, raspado quebrando já com ideologias de beleza padrão que aprisiona e sufoca. A ilustradora ainda mostra ao público o *Terceiro Olho* Feminino, a comunidade espiritual acredita que ele é uma fonte de transmissão de boa energia, conhecimento, um receptor de informações. As duas mulheres estão transmitindo seus poderes ancestrais, uterinos, femininos, uma união que é preciso ter entre as mulheres para fortalecer a luta contra o patriarcado.

Com a mão estendida na direção do útero, o aparelho reprodutor da mulher, ela emana uma energia para a mulher representada na imagem, dialogando e reforçando o quanto nosso corpo é rico e poderoso, como pode gerar a vida duplamente, tanto para as mulheres que escolhem a maternidade, como também somos fonte e própria revolução dentro de uma sociedade patriarcal.

Uma imagem, mil pensamentos e ideias, outras interpretações, mas a sensação de um enaltecimento da mulher aquece os olhos e o coração ao apreciar esta ilustração. Jeniffer Dias, presente na antologia *Pretumel de Chama e Gozo* ilustrou o de *Encontro*²⁴ do feminino no singular e no plural, assim como Elizandra Souza no seguinte poema:

Ela foi ao banheiro
Ligou o chuveiro
Pelo corpo inteiro

²³Ilustração de Jeniffer Dias, para o livro *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*, 2015.

²⁴Título do poema de Elizandra Souza.

A água fluiu
 Ela passou hidratante
 Perfumou os instantes
 Vestiu sua nova lingerie
 Sutiã e calcinha de seda
 Ela abriu a gaveta
 Pegou o batom violeta
 Admirou-se no espelho
 E pra si mesma sorriu
 Ela foi à cozinha
 Pegou na geladeira
 Uma garrafa de vinho
 E ali mesmo se serviu
 Ela se sentou na cadeira
 Colocou suas pernas
 Em cima da mesa
 Admirou-se do que viu
 Ela brincou consigo mesma
 Brindou sua beleza negra
 Bebeu a garrafa inteira
 E se lambuzou do seu próprio néctar
 (SOUZA, 2015, p. 104)

Através de um ritmo cadente e crescente vemos um poema sobre amor próprio e masturbação, Elizandra Souza nos apresenta por meio desse poema uma sujeita poética que define o ato de amar é revolucionário. No primeiro momento conhecemos essa sujeita começando seu ritual autocuidado, quando chega no trecho do texto em que ela coloca uma lingerie e se perfuma poderíamos cair no lugar do clichê de que ela se prepara para outra/o, mas não acontece.

É fato que as mulheres são incentivadas a rotinas de beleza para se adequar em um padrão, como manter o cabelo longo, depilação compulsória, imposição do uso de salto alto, roupas justas. Desde a infância somos doutrinadas a *como devemos nos comportar*, pensar e falar dentro da perspectiva patriarcal, nos limitando dentro um mar de possibilidade que podemos ser e fazer. Tudo para supostamente satisfazer ao macho e á sociedade machista.

E se isso já é algo doloroso e pesado para as mulheres brancas, imagina para as mulheres negras? Seus corpos e desejos foram cerceados desde o período da escravidão, até os dias atuais. As mulheres negras travam lutas diárias contra o assédio, contra a solidão afetiva, contra o racismo nos diversos âmbitos. Souza ao colocar uma mulher negra tão poderosa, agente e tão altiva, oferece uma nova narrativa de representação e escrita.

O poema continua e ao se arrumar, se vestir e se maquiar para si própria, anulam-se todos esses falsos padrões e começa um novo momento, da exaltação do corpo feminino negro. Ela chega e pega uma garrafa de vinho, ela também mostra como é importante estar bem com sua solidão, ao se conectar com sua força, sensualidade e sexualidade interior.

Ela brinda sua beleza negra, seu empoderamento, seu conhecimento de corpo e sua capacidade de gozar, em uma sociedade que educa os homens a pensar somente no seu próprio prazer e liberdade. A sujeita poética Elizandra Souza com toda sua intelectualidade, literatura e musicalidade aborda assuntos no seu poema que ainda hoje é marginalizado, que muito só fala num tom jocoso.

Ambos os livros usados nesta dissertação nos alertam para o imprescindível: É preciso ter olhos bem atentos e ouvidos aguçados! É por meio de rimas, histórias e histórias, que vemos uma rasura dentro do padrão hegemônico da literatura erótica canônica. Ambas as obras aqui citadas contribuem para que outras histórias que são marginalizadas pelo sexismo, machismo, homofobia e principalmente racismo.

Outra poetisa, intelectual que conheci nesse caminho, foi Formiga, que escreve poemas, ou melhor dizendo, cartas de amor para sua Preta, sua companheira:

Preta
Teus cabelos crespos
Encaracolam meu desejo
Nesse delicado toque
meus pelos se crispam
(FORMIGA, 2015)

Através dos seus versos, suas escritas, uma mulher negra amando outra mulher negra de forma plena, livre, trazendo para cena a beleza do cabelo crespo, em contraste com sociedade que elege como padrão o liso e loiro. O cabelo crespo aqui assume formas de liberdade, como representação de amor genuíno e recíproco, que ao simples toque os desejos ficam a flor da pele, dominam o nosso corpo e nos leva para o momento de gozo.

A poeta continua:

Com a língua diaspórica
Perco a cor da tua pele
Quente

Só de olhar minha vontade
já sente
nossa atração ancestral
(FORMIGA, 2015)

Vemos um relacionamento entre duas sujeitas poéticas negras, indo conta solidão da mulher negra e também ocorre que o machismo criou uma fantasia no que tange sexo entre duas mulheres. Ao relatar este enlace sexual lésbico ela transgrede com todo sistema machista que tenta dominar as relações entre mulheres.

A lubricidade de ler e mergulhar no mundo amoroso de duas mulheres negras, que se entregaram e vivem um relacionamento que não se encaixa no padrão que elegeram como correto.

A Literatura Negra Feminina Erótica que Formiga produz oferece representação, para as mulheres negras que amam outras mulheres e que na maioria das vezes estão presas a um padrão heterossexual. O quão importante e representativo para elas não é este texto literário? Não precisamos nos esconder dentro do armário e nem esconder nosso amor, somos corpos-resistência que ocupamos espaço e existimos dentro de uma sociedade construída em falsos dogmas.

Formiga continua e nos leva:

Navego na imensidão de tuas curvas
Sem mapa me encontro no teu sexo
E anseio acariciar seus seios fartos
Enegrecendo meu tato
(FORMIGA, 2015)

Em meio a suas ondas de poesia e liberdade, vemos o quadro, a imagem do corpo de uma mulher negra, com um corpo fora do padrão, mas isso não importa. Isso não conta, porque a poetisa teve uma sensibilidade, uma dedicação em mostrar as curvas e nuances de um corpo feminino negro que é lindo, forte, empoderado, é livre. Em meio a tanto texto literário que trata a mulher negra como objeto, é revolucionário uma declaração de amor que enriquece e positiva as diversas formas de corpos.

E ainda mais rasurador, ela mostra uma cena de sexo entre as namoradas:

Linda esfrega, esfrega, esfrega
sua epiderme na minha
Beijando nosso fogo se enlaça

Quando agente se abraça
Estou me enraizando em você
(FORMIGA, 2015)

O toque das peles, o movimento, a cena, podem ser lidos como um retrato de liberdade e empoderamento, duas mulheres, duas pretas fazem festa e são suas próprias donas, doando e trocando tesão, amor, gozo de forma igual. Essa ideia de raiz, que é um rizoma, que vem para adicionar, suplementar e ramificar, abrindo o leque de vivências múltiplas das mulheres negras.

E, além disso:

é um processo profundamente descolonial, que insere seus fios na rede ampla de sororidade negra insubor-dinável ao heteropatriarcado racista, sustentada nas trocas discursivas, especialmente as poéticas. (SANTOS e BOTELHO, 2013, P 54)

A poetisa Formiga grafa esse “agente” de forma que me leva a entender que essas mulheres dessa cena, são suas, livres, ativas e altivas e que estão felizes e em paz, por não se encaixar na heteronormatividade, e além disso, mostra a beleza de duas mulheres negras de forma transgressora e insubordinada.

Cada vez mais os gritos de insubordinação estão sendo ouvidos e ressoando em espaços que antes impediam que narrativas marginalizada circulassem, Grada Kilomba nos diz:

[...] o ato de falar é como uma negociação entre quem fala e quem ouve, ou seja, entre os sujeitos falantes e seus/suas ouvintes. Ouvir é, neste sentido, o ato de autorização para quem fala. Eu só posso falar, se a minha voz for ouvida. Mas ser ouvida vai para além desta dialética. Ser ouvida também significa pertencer. Sabemos que aqueles/as que pertencem são aqueles/as que são ouvidos/as. E aqueles/as que não são ouvidos/as são aqueles/as que não pertencem. (KILOMBA, 2016, p 3.)

É cada vez mais importante que as falas que são silenciadas pelo sistema racista, sexista e machista circulem nos lugares em que foi concentrado o “poder” do conhecimento, é importante repensar os conceitos “clássicos” utilizados como referência de teoria, literatura, música e etc.

É necessário que cada vez mais aumentemos a amplitude de divulgação e distribuição dessas obras, justamente porque essas escritas quebram paradigmas fixados em uma sociedade e preenchem, assim, lacunas históricas com novas opiniões e perspectivas:

Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira. (CARNEIRO, 2003, p. 2)

Tais obras vêm contemplar vozes e histórias que por muito tempo foram silenciadas, ela engloba uma série de temas e assuntos que tocam várias feridas de um passado de opressão. Ela também vem romper com processos nos quais as personagens negras passam por um embranquecimento ou apagamento dentro delas e descrições errôneas sobre as mesmas.

As poetisas negras que produzem textos eróticos abordam diversos temas como a exaltação do universo feminino, sexualidade, solidão afetiva, amor afrocentrado, diversidade de feminilidades, ou seja, há um arcabouço de temas a serem descritos e remodelados pelas mesmas favorecendo a multiplicidade de escritas que contribuam para o circuito literário, essas produções são relevantes porque:

“[...] põem a descoberto muitos aspectos de nossa vivência e condição que não estão presentes nas definições dominantes de realidade e das pesquisas históricas. Partindo de outro olhar, debatendo-se contra as amarras da linguagem, as mordidas ideológicas e as imposições históricas, propicia uma reflexão revelando a face de um **Brasilafro** feminino, diferente do que de padronizou, humanizando esta mulher negra, imprimindo um rosto, e um sentir mulher com características próprias.” (ALVES, 2010, p. 67)

A escrita erótica da mulher negra vem remodelar escrita que omite de narrativas sobre culturas que marcam sua construção. As autoras e intelectuais estão a todo tempo na luta para combater sistemas instaurados em uma sociedade patriarcal que ultrapassam barreiras de gênero e raça, Souza fala:

[...]as mulheres negras tiveram desde sempre atuação em diversos setores da vida sócio-cultural brasileira, resistindo à objetificação, construindo redes, negociando espaços como agentes, vivenciando tensões decorrentes da situação e, principalmente, insurgindo-se contra as imposições culturais de um grupo hegemônico europeizado. (SOUZA, 2019, p. 203)

As obras produzidas por essas escritoras negras carregam em si uma importância imensurável, pois em sua escrita são tentativas de quebrar vários sistemas que dominam a sociedade. Suas produções com todo seu lubrificamento²⁵ denunciam um sistema social excludente.

Elas contribuem para o circuito literário, o meio acadêmico, e para os debates acerca do preconceito racial e o sexismo que são estabelecidos nas relações interpessoais, e estão a todo tempo promovendo um novo reconhecimento acerca da construção de uma nacionalidade e a literatura afro-brasileira, elas são:

[...] conhecidas e reconhecidas socialmente pelo grupo específico que elas representam e pela sociedade brasileira em geral. Isso porque além de serem militantes, em diversos momentos, essas autoras procuram promover suas participações em movimentos sociais, eventos acadêmicos, em grupos de trabalhos, simpósios, congressos, dentre outros, que favoreçam o (re)conhecimento de suas produções, trajetórias intelectuais e à afirmação das diferenças. (PALMEIRA, 2009, P. 125)

É imprescindível que os meios editoriais, acadêmicos, escolares, e as grandes livrarias abram espaço para a escrita feminina negra, que abriga uma multiplicidade de temas e narrativas a serem percorridas, e assim possam ocupar mais lugares, iluminando com sua negritude, abrindo novos leques de informações sobre experiências cotidianas e memórias históricas.

Faz-se necessário trazer para cena representações transformadoras sobre as mulheres negras, escritos por elas mesmas. As perspectivas e visões das autoras e intelectuais são imprescindíveis para uma reformulação política, histórica e social, promovendo uma sociedade na qual possam ser abrigadas as diásporas que compõem uma nação e assim reconheçam verdadeiramente a contribuição de cada cultura e raça na construção de um país.

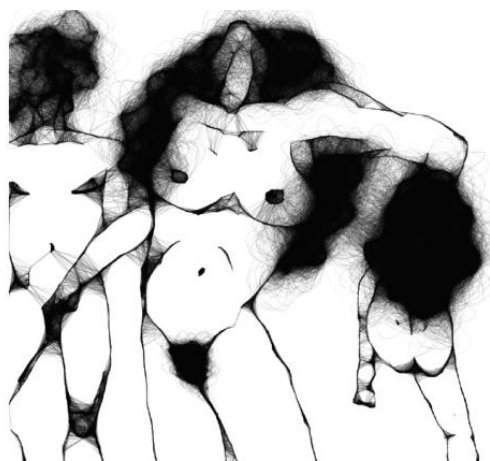
Pretumel de Chama e Gozo e Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa” são dois livros que trazem para o círculo literário histórias Erótica fora do espectro racista, que visa objetificar os corpos das mulheres e homens negras/os. Ambas as obras tem a presença de Cristiane Sobral e Elizandra Souza, e têm a outras autoras conhecidas como Mel Adún e Mel Duarte.

²⁵ Nesta dissertação uso o termo “umidade” e “lubricidade” no sentido de feminilizar expressões recorrentes que aparecem em trabalhos acadêmicos e referenciar as possibilidades dos corpos femininos.

Mesmo com essas obras literárias, ainda é um fato tangível que a Literatura Negra Feminina Erótica ainda não tem a visibilidade que deveria receber no mercado literário e acadêmico, ambos livros são pioneiros a partir de 2010, abrindo os caminhos para que as tantas escritas Eróticas possam surgir cada vez mais.

Por fim ambas as obras propõem mundos Eróticos Negros Femininos que abraçam as diversas trajetórias as mulheres estão inseridas, elas apresentam as/aos suas/seus leitoras/os a conhecerem outras narrativas sobre as plurais sexualidades das mulheres negras. E, além disso, ensina sobre a importância de conhecer a si mesma, respeitar seu corpo e a quebrar padrões racistas, machistas, heteronormativos, gordofóbicos.

5. (IN)CONCLUSÃO: SEJAMOS TODAS ERÓTICAS!



26

Quando eu cheguei tudo, tudo
Tudo estava virado
Apenas viro me viro
Mas eu mesma viro os olhinhos²⁷

É o fim de um ciclo e o começa um novo para mim, eu que comecei essa dissertação superando angústias adolescentes, termino conhecendo melhor a Literatura Negra e através dela também meu corpo, meu mundo erótico e como a(s) Literatura(s) Negra(s) Feminina(s) Erótica(s) contam uma variedade de histórias e vivências.

Eu sou um corpo-resistência, gorda, lésbica, experiencio da mesma vivência erótica, sexual, sentimental particular. As vivências Eróticas dos corpos ocorrem de formas tão múltiplas, distintas, ricas e com isso estou atenta às conceitos que nos cercam e usamos.

Assim como essas mulheres gordas, robustas, dançando ao nossos olhos, exibindo seus pêlos e suas curvas, este trabalho dedicou-se a estudar um aspecto do mundo feminino das mulheres negras, apresentar novas perspectivas acerca dos corpos

²⁶ Ilustração de Hayanna Saldanha para o livro *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*, 2015

²⁷ Música brasileira, *A menina dança*, Novo Baianos.

que estão ao nosso redor, e trouxe o recorte da Literatura(s) Negra(s) Feminina(s) Erótica(s).

Encerra-se um trabalho árduo de pesquisa e estudo de dois anos do Programa de Pós-Graduação de Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. “O Pulsar da Literatura Negra Feminina Erótica escritas nas obras *Pretumel de Chama e Gozo* e *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa*” foi construído pensando na importância que tem as mulheres negras falarem sobre o Erotismo.

Ao me deparar com estas escritoras que falam sobre Erotismos, empoderadas, que rasuram tudo que a hegemonia branca que ainda tenta manter fixado no imaginário uma cruel imagem que objetificação, de subalternização, a que as mulheres negras sempre resistiram.

Ao mergulhar no profundo e transformador mundo do literário Negro Feminino Erótico percebemos que essas intelectuais e poetisas nos oferecem asas para voar, abrem as portas de novos lugares para serem ocupados e (re)visitados. É enriquecedor conhecer narrativas que fogem ao padrão hegemônico imposto aos corpos e histórias que transitam foram deste lugar de fala.

A(s) Literatura(s) Negra(s) Feminina(s) Erótica(s) abrem nossos olhos para as multiplicidades que nos cercam e às vezes não nos tocam por estar fora do nosso contexto. As escritoras negras que escrevem sobre os seus desejos e sexualidades ensinam que é importante às vezes desromantizar nossas leitoras quanto as relações sexuais que podem ser estabelecidas, que o sexo casual também é escolhido pelas mulheres. E também o quanto é importante falar de amor, falar de mulheres negras sendo amadas pelas/os suas/eus parceiras/os na cama e fora dela.

Além de que, conhecer seu corpo e seu desejo é imprescindível para uma auto-estima boa, uma vida sexual saudável, um auto-conhecimento do seu corpo e como as mulheres não precisam estar com ninguém para ser feliz.

A(s) Literatura(s) Negra(s) Feminina(s) Erótica(s) podem ser lidas como alertas para a importância de não invisibilizar as mulheres negras e seus relacionamentos, seus amores, suas transas casuais, seus corpos e suas vidas. E também suas escritas que

trazem à tona assuntos que são imprescindíveis para nosso meio literário que ainda é dominado por pensamento que prega a heteronormatividade.

Ao analisar os poemas e ilustrações que fazem parte das obras *Pretumel de Chama e Gozo* e *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa* procurei mostrar os diversos assuntos que podem ser abordados em textos literário como: sexo casual, o poder da masturbação, menage à trois, relação lésbica, auto-estima da mulher negra, exaltação do mundo feminino negro e tantos outros.

As escritoras negras que produzem essas narrativas Eróticas contribuem demais para ampliar os circuitos literários ao desafiar os padrões racistas e machistas que tentam nos colocar numa posição subordinada. Enquanto os homens ganham *status* relatando e criando histórias Eróticas – e também eróticas – as mulheres são excluídas, julgadas ferozmente e tem suas escritas marginalizadas.

Essas artistas, autoras e intelectuais²⁸ traçam caminhos de insubordinação e ecoam gritos de revolução ao trazer para cena A(s) Literatura(s) Negra(s) Feminina(s) Erótica(s), seguindo os passos de suas antecessoras e oferecendo representatividade e liberdade para as estão por vir.

Junto com o crescimento pessoal, acrescento a minha vida profissional, acadêmica e política os conhecimentos adquiridos a partir dos estudos feitos para essa dissertação. Ao estudar as correntes teóricas E(e)róticas pude perceber o quanto ainda falta teoria e estudos empoderadores sobre as mulheres que escrevem sobre os Erotismos.

²⁸Claudia Wallesk, Cristiane Sobral, Débora Garcia, Elizandra Souza, Iara Aya, Jenyffer Nascimento, Lívia Natália, Mel Adún, Mel Duarte, Nina Silva, Priscila Preta, Raquel Almeida, Sueide Kintê, Zannah Lopes, Zula Gibi, Tula Pilar Ferreira, Meryellen Rangel, Brenda Ramos, Formiga, Elenice Andrade, Carla Mariano, Raquel Almeida, Aline Soares Negríndia, Lu Cuba, Analise da Silva, Tati Costa, Bianca Gonçalves, Mel Duarte, Celinha Dias, Thaily Estacio, Vivian Kosta, Carmen Faustino, Samya Carvalho, Ana Terra Araújo, Paola Ferreira, Karla Ramalho, Bárbara Nascimento, Laura Mendes, Lílian Almeida, Viviane Angélica, Suely Bispo, Belize Pombal, Priscila Romio, Carol Pabiq, Malu Viana, Pabline Santana, Lucia Udemezue, Monica Feitosa Santana, Joice Aziza, Anita Benife, Nina Silva, Valquiria Lima, Quédima Ferreira, Barbara Falcão, Vanesa Beco, Ornella Rodrigues e Claudia Canto, Fatma Abdalla, Renata Felinto, Leila Negalaize Lopes, Hayanna Saldanha, Olyvia Bynum, Isadora Simões, Adrielle Santos, Nanouch Lami, Jeniffer Dias, Aline Magnos e Jackeline Romio

Pude conhecer um lugar da arte, vendo que no mundo da ilustração as mulheres ainda estão em minoria e são marginalizadas. E, além disso, como a literatura é uma ferramenta elástica, que dialoga com tantos campos artísticos, e amplia as perspectivas das histórias. E também estudar as obras *Pretumel de Chama e Gozo* e *Além dos Quartos: Coletânea Erótica Negra Louva Deusa* possibilitou que eu conhecesse a escrita de tantas/os escritoras/es que escrevem sobre os Erotismos, conheci vivências de outras mulheres lésbicas, aprendi mais um pouco a respeitar meu corpo, e que não há limites para se surpreender com as diversas escritas das mulheres negras.

O caminho certamente não fácil, pensar e construir uma reflexão que fale sobre mulheres e suas histórias Eróticas foi um desafio e na mesma medida recompensador, a sociedade está em constante mudança e é preciso, acompanhar, evoluir a todo o momento.

Por fim, *Sejamos todas Eróticas*, empoderadas, empáticas, independentes, amadas e amantes e que possamos viver, escrever nossas experiências de forma livre e principalmente, Erótica!

6. REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. Tradução Christina Baum. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma única história**. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br>. Acesso em: 25 fevereiro 2020.

ALVES, Miriam. **Brasil Afro Autodeclarado: Literatura Brasileira Contemporânea**. Belo Horizonte. Mandyala, 2010.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Fernando Scheibe. 1 Ed; 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BHABHA, HOMI K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Rentate Gonçalves. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CARNEIRO, Sueli. **ENEGRECER O FEMINISMO: A SITUAÇÃO DA MULHER NEGRA NA AMÉRICA LATINA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO**. 2003. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>> Acesso: 09 de julho de 2018.

CASTRO, Silvia Regina Lorenso De. **Corpo e erotismo em Cadernos Negros: a reconstrução semiótica da liberdade**. São Paulo, 2007.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura Negro-Brasileira**. Selo Negro Edições, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea**. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/4110/3112>>. Acesso em: 25 fevereiro 2020

DALCASTAGNÈ, Regina. **Entre silêncios e estereótipos: Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea**, 2011.

DAVIS, Angela. *O significado da emancipação para as mulheres negras*. In:___ **Mulheres, Raça e Classe**. 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela. *Vamos subir todas juntas: Perspectivas radicais sobre o empoderamento das mulheres afro-americanas*. In: ___ **Mulheres, cultura e política**. 1. Ed – São Paulo: Boitempo , 2017

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**, 2005.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs, 1984.

HALL, Stuart. Estudos Culturais e seu Legado Teórico. In:___ **Da diáspora – Identidade e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2013.

hooks, bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, Brasil. 1995.

hooks, bell. **Vivendo de Amor**. Tradução de Maísa Mendonça. Disponível em:<<http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/180-artigos-de-genero/4799-vivendo-de-amor>>. Acesso em: 25 fevereiro 2020.

KILOMBA, Grada. “**Descolonizando o conhecimento**” **Uma Palestra-Performance de Grada Kilomba**. Disponível em: <<http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>> Acesso em: 05 de março de 2020

KINTÊ, Akins; CUTI. (Org.) **Pretumel de chama e gozo: Antologia de poesia negro-brasileira erótica**. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2015.

LLANOS, Gabriela Castellanos. **Erotismo, violencia y género: deseo femenino, femineidad y masculinidad en la pornografía**. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.univalle.edu.co/xmlui/handle/10893/2637>> Acesso em: 25 de outubro de 2018.

LORDE, Audre. Os Usos do Erótico: O erótico como poder. **New York: The Crossing Press Feminist Series**, p. 53-59, 1984.

LOURO, Lopes Guacira. BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo ____In: **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Edição. Autêntica: Belo Horizonte 2000.

MACHADO, Gilka. Ser mulher. In: **Poesia Completa.Org. Jamyle Rkain**. São Paulo: V. de Moura Mendonça, 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NASCIMENTO, Beatriz. **A mulher negra e o amor**. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/atlantico-negro/afrobrasileiros/beatriz-nascimento/1142-a-mulher-negra-e-o-amor?fb_locale=pt_BR>. Acesso em: 25 fevereiro 2020.

OLIVEIRA, Juliana Goldfarb de. Descolonizando Vênus: transgressão e autorrepresentação na poesia erótica brasileira de autoria feminina. **Revista Landa**, vº 6, n 2, 2018.

PAIXÃO, Cristiane Santos de Souza. **Escrita Crivada de Mutilância(S): A Voz Poética Feminina Negra na Produção Literária de Rita Santana**. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2017.

PALMEIRA, S. F. *Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro: Intelectuais Negras, Poesia e Memória*. **Terra roxa e outras terras: Revista de Estudos Literários**, 2009.

RÔMIO, Priscila. **Além dos Quartos: coletânea Erótica Feminista Negra Louva Deusas**, 2015.

SALES, Cristian Souza de. **Composições e recomposições: o corpo feminino negro na poesia de Miram Alves**. (Dissertação de mestrado). Salvador: UNEB, 2011.

SANTOS, Tatiana Nascimento dos; BOTELHO, Denise. *Sinais de luta, sinais de triunfo: traduzindo a poesia negra lésbica de Cheryl Clarke*. **Revista Língua & Literatura**, vº 15, n 24, p 4 -72, 2013.

SOARES, Angélica. **Vozes femininas da libertação do erotismo: erotismo (Momentos selecionados na poesia brasileira)**. Disponível em: <file:///C:/Users/Cris%20Paix%C3%A3o/Downloads/49606-60922-1-SM.pdf>. Acesso em: 25 fevereiro 2020.

SOUZA, Florentina Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal MNU*. Belo Horizonte. Autêntica, 2006.

SOUZA, Florentina. **Olhares sobre a literatura afro-brasileira**. Salvador: Quarteto, 2019.

SOUZA, Taise Campos dos Santos Pinheiro de. **POESIA FEMININA SUBALTERNA NEGRA: UMA VOZ DE RESISTÊNCIA**. *Nau Literária: crítica e teoria de literaturas*. Porto Alegre, vol. 9, 2013.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupa, memória dor**. 5ª Ed. Autêntica, 2012.

ZUCCHI, Vanessa. Do prazer do texto ao prazer da crítica. **Revista Investigações** Vol. 27, nº 1, Janeiro/2014.